

Deponente: Vladmir Caamano Cordeiro Ribeiro

Entrevistador: Mariane dos Reis Cruz, Janaina Campos de Freitas Breugelmans,

Data: 12 maio de 2017

INTERLOCUTOR: Se você puder colocar o celular no silencioso.

INTERLOCUTOR: Verdade.

INTERLOCUTOR: Que às vezes o celular toca numas horas que você pensa assim: “Ninguém vai me ligar.”, aí a pessoa te liga.

INTERLOCUTOR: Aqui eu vou falar, vou falar um textinho antes só para apresentar, vou falar quem tá presente aqui, qual que é seu sobrenome, Mateus?

MATEUS: Elói Ribeiro.

INTERLOCUTOR: É Elói?

MATEUS: Elóio.

INTERLOCUTOR: Elói Ribeiro, tá. Falar todo mundo que tá presente.

INTERLOCUTOR: Você é...

MATEUS: Filho do (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Filho? Ah é, você fala que ele é filho é melhor.

INTERLOCUTOR: Tá.

INTERLOCUTOR: E ele vai continuar aqui?

INTERLOCUTOR: O André? É, eu acho que ele vai ficar lá dentro, ele é o meu companheiro.

INTERLOCUTOR: Ah tá.

INTERLOCUTOR: Na hora que você falar que dá para começar aí eu começo.

INTERLOCUTOR: É, deixa eu só.

INTERLOCUTOR: É, boa tarde, hoje é dia 12 de maio de 2017, a gente vai dar início agora, às 15:40 da tarde ao depoimento de Patrícia Valentina Cordeiro Ribeiro e Vladimir Caamano Cordeiro Ribeiro. Os dois são filhos de Celso Aquino Ribeiro e Maria de Lourdes Alves Cordeiro. A Patrícia é nascida em março de 64, o Vladimir nascido em maio de 65. Os dois tinham menos de doze anos de idade quando o seu pai, Celso Aquino Ribeiro, foi preso. Estão presentes, além dos dois depoentes, as estagiárias da COVEMG, Mariane Cruz, Janaína de Freitas, e o filho de, do Vladimir, Mateus.

INTERLOCUTOR: Elói.

INTERLOCUTOR: Elói.

MATEUS: Ribeiro.

INTERLOCUTOR: Ribeiro. Vocês podem dar início ao depoimento de vocês e no final se a gente tiver alguma dúvida, a gente fala.

PATRÍCIA: Tá. Quero falar que na época em que meu pai foi preso, eu era menor de doze anos, eu contava, foi no ano de 1969, então eu estava com cinco anos de idade.

INTERLOCUTOR: Patrícia...

INTERLOCUTOR: Hoje é 12 de maio de 2017 e estamos com os depoentes Patrícia Valentina Cordeiro Ribeiro e Vladimir Caamano Cordeiro Ribeiro, ambos filhos de Celso Aquino Ribeiro e Maria de Lourdes Alves Cordeiro. Patrícia é nascida em março de 64, Vladimir nascido em maio de 65. Estão presentes, além dos depoentes, as estagiárias Mariane Cruz e Janaína de Freitas, da COVEMG, e Mateus Ribeiro, filho de Vladimir. Agora são 15:48 da tarde e a gente tá na casa da Patrícia, em Divinópolis. Podem dar início ao depoimento.

VLADIMIR: Meu nome é Vladimir Caamano Cordeiro Ribeiro, sou filho de Celso Aquino Ribeiro e Maria de Lourdes Alves Cordeiro. Os fato acontecido naquela época, né? Na era da Ditadura Militar, foi no ano de, na década de 60 pra 70, ali eu estava com quatro pra cinco anos, o meu pai foi preso. Eu me lembro quando o exército invadiu minha casa, mesmo sendo pequeno, mas eu me lembro como a imagem na minha mente de, da polícia, do exército, né, o Exército Brasileiro entrando ali na casa, invadindo, invadindo até a parte de cima lá que era o telhado. E nisso ficou na minha mente, esses fatos, que eu me lembrava, né, que eu vinha me lembrando, que eu vinha na polícia ali e foi fato que meio a minha mente. Meu pai preso, minha mãe falava que ele estava estudando. E sempre que eu chegava na escola, assim que eu completei ano de vir pra escola, os coleguinha meu naquela época falaram que meu pai tava preso, minha mãe falava que tava estudando, então aquilo ficava na minha mente, ou se meu pai tava preso ou se ele estava estudando. Eu, pequeno, né, com seis, cinco, seis anos, já tinha isso na minha mente, né, esse, essa dúvida. E nisso, na escola, os colegas falava: “Seu pai é preso, seu pai é um bandido, seu pai...” falando essas coisas na minha mente e ficou marcado na minha mente do meu pai nessa prisão. Quando eu então fui, nós ia visitar meu pai, nós chegava em Neves, né? Visitar meu pai em Neves, e depois meu pai foi transferido pra Juiz de Fora. Eu me lembro que minha mãe também foi presa, mas não ficou detida, ficou, não cumpriu uma cadeia, mas minha mãe ia visitar meu pai sempre, quase todo mês, minha mãe, com

as dificuldades que nós passava, né, minha mãe visitava meu pai em Juiz de Fora. Eu lembro que a gente ia numa boleia de caminhão, juntamente com as outras mulheres de outros presos. Muita dificuldade, 600 quilômetros até Juiz de Fora, né, a gente na boleia do caminhão, filhos e esposas pra visitar os presos. Muita coisa errada que acontecia, que as, que as esposas tinham de enfrentar, né, da polícia, do exército, e ali eu tinha minha na mente um dia descobrir a verdade, né. E eu lembro também que às vezes meu tio, irmão da minha mãe, o Edson Cordeiro, levava a gente pra tirar as dificuldades, que minha mãe era uma estudante ainda, tava se formando, né, e então passava muita dificuldade, muita luta mesmo, muita falta de dinheiro, perseguição, polícia. Pra ter uma ideia, pra se ter uma ideia, meu pai ainda morava ali no bairro Porto Velho não por coincidência, morava de frente um subtenente do exército, que é o dito de guerra, e ao lado da minha casa um sargento do exército. Então era perseguido mesmo. Não podia ter nenhum contato, falar de política e muito menos falar contra o governo, né, que era o militar. Então a perseguição era 24 horas por dia, e a minha mãe sofria, sofria perseguição, recebia bullying na escola. E eu lembro que eu ia visitar meu pai, que meu tio tava voltando atrás, meu tio levava a gente num Fusquinha, e o carro ia mais, mais duas mulheres de preso junto ali pra pegava carona, e eu ali no lado do passageiro sentado no assoalho do carro, assim no meio daquela, dos pé da minha mãe, até Juiz de Fora, pra mim ver meu pai. Eu e minha irmã, toda vez minha mãe ia e levava eu e minha irmã. E aquilo na minha mente, pra mim ver se era verdade mesmo, que meu pai tava preso, nós era criança né, as pessoas falava, não chegava perto, porque naquele tempo, ser filho de comunista, assim falando, subversivo, era igualzinho se fosse filho de uma pessoa doente, de um, vamos supor, um leproso. Ninguém chegava perto, ninguém ajudava. Meu vô era muito, assim, dificuldade, muito humilde, era pai da minha mãe, ele era aposentado.

PATRÍCIA: Ferroviário.

VLADIMIR: Ferroviário, e ali que sustentou a casa até meu pai voltar. Meu pai era fiscal do estado, depois que ele voltou, ele foi perseguido dentro da fiscalização, ele era, já tinha um... Dentro do estado ele tinha um cargo bom, né, que era fiscal do estado, quando ele voltou eles colocaram ele como arquivista. Eu lembro que ele falava que ele não aceitou, até abandonou o emprego, mais de vinte anos de emprego, ele abandonou, e ele não tinha, ele era um idealizador, né, ele tinha a mente focada naquilo que ele queria, tudo que ele queria ele falava, falava e fazia e aquilo que ele focava e não falava mentira, é uma coisa que eu tinha admiração do meu pai é

isso, o idealismo, e nunca foi mentiroso. Tanto é que o depoimento dele pra, no julgamento dele que foi contra ele que ele falou só a verdade que a polícia fazia e que o exército fazia. E lembro também da minha mãe, os fatos que eu lembro, que eu era muito pequeno, igualzinho o fato da polícia da cidade naquela época, Polícia Militar, né, tinha um capitão, chama Capitão Faria, que hoje tem, é dono de uma rede de comunicação em Divinópolis, rede de comunicação de jornalismo, né, jornal aqui de Divinópolis, que ele tem um poder aquisitivo muito grande, hoje, né, que até é fato que a Prefeitura, tudo ali na prefeitura ele comanda, e esse homem foi o ditador, Capitão Faria. Eu vi, eu lembro direitinho ele dando dito assim telefone sem fio na cabeça da minha mãe, torturando ela dentro da minha própria casa, quando ele levou ela presa ele bateu na minha mãe. Até tem o fato da minha mãe, deu um depoimento no jornal, no jornal uma vez, até esse jornal, minha mãe falando como é que ela foi torturada por esse homem. Então isso tudo ficou marcado na minha vida, né, meu pai preso, meu pai perseguido, família perseguida. Eu lembro que uma vez eu fui visitar meu pai, no dia que eu descobri que meu pai tava preso mesmo, foi quando minha irmã foi, foi visitar ele em Juiz de Fora, e meu pai querendo, minha irmã querendo dar um beijo no meu pai, e aquilo marcou o fato que meu pai tava ali no, naquela sala ali, né, pra ver as visita, e nós não tinha contato até chegar até nele, a gente ficava assim atrás de uma.

INTERLOCUTOR: Contato físico.

VLADIMIR: Contato físico, que tinha três grades assim, e minha irmã querendo beijar ele, chegando o rosto assim pra ele alcançar o rosto dele, a boca dele, né, (trecho incompreensível) que é ser filho, e aí não chegava o contato, eles falou: “Não, pode deixar os dois passar pra dentro da cela, porque são filhos, são criança.”, aí nós nesse dia que eu realmente, eu constatei que meu pai estava ali era preso. Ao sair dali daquela cadeia ali em Juiz de Fora, aí eu falei com minha mãe: “Oh, mãe, meu pai tá preso.”, aí ela teve de falar a verdade, porque eu deparei assim do lado de fora ainda, ele abanando a mão, era uma penitenciária do Exército Brasileiro, de três andares, eu lembro direitinho, pátio muito enorme, polícia com cachorro, assim, cachorro boxer, eu lembro que depois eu até adquiri um cachorro boxer. E aquilo ali tudo ficou marcado na minha vida. E disso tudo que eu tenho pra falar, que ficou marcado na minha vida, que na idade de, que meu pai saiu, eu tava na faixa de 7 pra 8 anos, meu pai ficou dois anos e meio preso. Até eu falo muito com meus primo assim, né, que meus primo hoje são médicos, são engenheiro, né, tem a família da minha mãe tinha, são 9

irmãos, eu falo: “Enquanto vocês tavam indo pra escola, nós tava visitando meu pai na cadeia.”, e aquilo ficou marcado na minha vida, que naquilo tudo, com dez anos de idade, eu vim conhecer a droga. Eu focalizo nisso muito pra mim saber assim, como muitas vezes a gente fala assim: “Ah, aquela pessoa ali, porquê que ela, ela tá na droga, né? Porque ela usa droga?”, mas tem de ver o quê que foi o passado daquela pessoa, e isso me acarretou muita coisa, que muitas vezes eu usava droga pra não pensar naquilo que tava acontecendo na minha casa, né? Que devido a eu ser o homem da casa, minha irmã, minha mãe, criança, né, que é com dez ano conheci a droga, fui usuário de droga, cheguei a ser detido também, e nisso tudo minha vida não foi assim como a gente, eu esperava. Graças a Deus, né, hoje eu já conheço o outro, uma pessoa que me ajudou muito, chama Jesus Cristo, esse foi o meu meu libertador, e desses fatores que eu tinha na minha mente, eu esqueci muitas coisas, porque muitas vezes eu ficava triste, né, de ver a situação da casa, da família, situação do governo, situação das pessoas que podia ajudar e não ajudava, né? A mãe sofrendo, irmão sofrendo, e as pessoa que podia ajudar, não ajudavam. Aqueles que queria ajudar, não tinha condição de ajudar. Fato que muitas pessoa queria ajudar, mas não tinha condições de ajudar a família. E no decorrer dessa situação a gente passou muito momento difícil na vida. Dou graças a Deus, dou graças a Deus que hoje mudou. Através dos movimentos que eles faziam ali, né, eu até tava conversando esses dias com um sargento que conhecia meu pai, falou: “Seu pai era um homem idealizador, mas um homem.”, eles colocou que meu pai era um louco, porque tudo que ele fazia ele chegava até o fim, ele falou assim: “Vladimir, eu cheguei a ver seu pai levando pessoas em meio do mato pra treinar.”, treinamento, né, porque ia ter uma revolução, eles treinando ali no meio do mato, e ele era polícia e falou assim: “O, Celso, num entra nessa não, sô, isso aí não dá certo, isso vai dar errado, cê vai preso.”, mas ele foi até o fim. Não tinha medo, torturado, eles torturaram ele, punha ele no pau de arara, né, tinha marca no corpo pau de arara, que cê sabe o que é pau de arara, coloca a pessoa na tortura; cheque, choque elétrico dentro de uma, de uma, de uma sala com água, com cheque olétrico e colocou ele também numa sala aí que contaram pra gente, né, que colocaram ele numa sala com muitas baratas, até ele ficou em pânico com essas baratas, ele sofreu muito disso. Ele podia assim, a barata ele, muita barata numa sala.

INTERLOCUTOR: Ele tinha fobia de barata.

VLADIMIR: Fobia de barata. Colocaram ele numa sala que tinha muita barata e fora as outras torturas. Devido a essa tortura dele, ele teve que fazer uma operação, né, pra arrancar o baço, não foi? A operação que ele fez?

PATRÍCIA: Uhum.

VLADIMIR: E desse, dessa tortura acrescentou o câncer. Meu pai morreu de câncer, diagnóstico do câncer foi devido a essas tortura que ele levou do passado. Então isso tudo ficou na minha mente, devido a essas, essas coisas acontecido, né, algumas coisas eu lembro agora, né. Então esses fatos que foram acontecidos eu cheguei a ver, hoje nós temos, nós podemos falar, podemos expressar nossa opinião política, mas atrás, só quem teve no momento sabe contar a história, né, a verdadeira história. Então a gente vê aí o Lula, vê a Dilma, né, pessoal, assim, pegando no pé deles, mas esses aí pra mim foi verdadeiros homens político, não são esses hoje que tão aí, que antes não podia falar nada, né, hoje ele pode debater, pode criticar, pode fazer movimento, pode ir para a ruas, né. Mas antigamente não podia, não. Antigamente você era perseguido pela própria população, pelo próprio ser humano, discriminava esse tipo de pessoa. O que eu tenho pra falar é isso.

PATRÍCIA: Eu sou Patrícia Valentina Cordeiro Ribeiro, eu tenho 53 anos, filha de Celso Aquino Ribeiro e de Maria de Lourdes Cordeiro Ribeiro, e o nome de solteira, que ela divorciou, Maria de Lourdes Alves Cordeiro. Eu tenho pra falar que hoje eu sou advogada há 27 anos e no tempo da di..., da di...tadura a gente sofreu bastante, realmente. Como ele disse, o exército invadiu a nossa casa e, morávamos meu pai, minha mãe, o meu irmão e o meu avô, né. Esse avô que depois deu muito apoio e ainda sustentou a família no tempo que meu pai ficou preso, os dois anos e meio. Então eu tinha cinco anos de idade. Eu não lembro, eu não recordo da polícia ter invadido, então tem umas coisas que ele lembra, outras coisas lembro eu. Mas lembro que o meu sabiá a polícia levou, os agentes levaram, um pássaro, além de levar meu pai. E isso em deu um trauma tão grande, que eu não podia escutar aquela música “O sabiá cantava no, cantava no terreiro”, como é que era a música? “Sabiá lá na gaiola faz um, fez um buraquinho, voou, voou, voou, voou. E a menina que gostava tanto do bichinho, chorou, chorou, chorou, chorou”, eu não podia ouvir essa música, que aí eu chorava. Eu lembrava que a polícia tinha levado o meu pai, sem saber que era polícia, mas a ausência dele e do meu passarinho que não estava lá em casa. Então isso foi trauma até na minha adolescência. Durante muito tempo eu não podia ouvir. Eu ficava: Por quê que eu não posso ouvir essa música?”, então ficou registrado, né, na minha

vida. Então eu visitava o meu pai. Eu, essa passagem de dar um beijo dele, como ele disse quem lembrava era ele. Mas eu lembro, eu lembro de uma solitária que ele ficou nela. Lembro da polícia, os agentes do exército armados, né, estavam com cães e armados com, com os fuzis, lembro que a gente ia nesses transportes igual como ele disse. E lembro também que quando eu queria vir embora, eu saía de lá sem ele, e eu não entendia isso, que a minha mãe, para resguardar a família, para nos proteger, ela disse que meu pai estava estudando, então pra mim era isso. Eu achava estranho, porque, porque tanta polícia, tanta gente armada. E eu perguntava: “Mãe, mas, quem é esse moço?”, ela falava que era professor dele. “Mas de arma?”. E o vizinho, tinha os colegas e vizinhos que falavam realmente que ele estava preso, que ele era um bandido, mas eu não aceitava aquilo. Não aceitava, porque eu confiava na palavra da minha mãe. Depois que eu fui crescendo, eu só fui saber realmente que meu pai esteve preso, eu já estava com 11 anos de idade, que eu vi e que um dia ele mesmo me disse que ele estava, que ele tinha sido preso. Então... Foi muita dificuldade financeira, né? Como ele disse, meu avô, meus, alguns tios ajudaram, mas a minha mãe foi perseguida também, além das torturas que ela também sofreu, a tortura psicológica também. Eram, eram esses policiais que cercavam. Minha mãe, ela conta, mais tarde minha mãe foi contadora, ela tinha um escritório. O meu pai, quando ele saiu da AF, que ele era, que ele era fiscal, mais tarde ele estudou, ele fez Direito e começou a exercer a profissão dele no escritório de contabilidade da minha mãe, como estagiário. Ali ainda a polícia cercava o escritório do meu pai também. Nos movimentos políticos, sindicais ou sociais, ou de comissão de, de, de Direitos Humanos, a polícia perseguia, né? Os outros políticos, os donos de siderúrgicas invadiam, como o irmão do, como que ele disse o nome dele? Do, aquele deputado.

INTERLOCUTOR: Jaminha Martins.

PATRÍCIA: Jaminho Martins, irmão dele quase atropelou meu pai, quase que matou meu pai em frente à siderúrgica que eles tinham, isso no movimento que tinha de greve. Então ele participava de tudo, que ele tinha um idealismo político e ele amava demais todos os trabalhadores e todas as, e digo assim, amava as pessoas. Eu lembro que quando a gente tava na estrada, a gente ia viajar, uma vez nós fomos a Capitólio, eu reparei que meu pai estava dirigindo o carro, aí eu já era, eu já tinha, assim, tinha uns 19 anos, não, uns 20, foi na época que eu fui é, que eu fui prestar o ve, ve, vestibular. Meu pai com a mão pra fora do carro, quando eu observei, meu pai estava acenando prum trabalhador rural que ele nem conhecia, que estava passando

na rodovia, que vinha a pé. Então ele sempre teve esse amor por eles, então era uma coisa que, que assim, contagiava a gente, esse amor que ele tinha pelo povo. Meu pai escrevia cartas pra nós, escrevia para minha mãe e pro meu irmão, pra mim, e eu aprendi a ler e escrever enviando carta, cartas pra ele. E desde pequenininha ele já me mostrava o sentido sobre é, o direito do povo e me mostrava sobre a igualdade so, social, que todos nós somos iguais: pobres, rico, branco, negro. Então já me mostrava tudo isso: somos iguais, que não haveria di, diferença, distinção para ninguém. Inclusive, é... então, nessa época, né, como filhos de presos políticos, era eu, meu irmão. Depois, muitos anos mais tarde, meu pai teve um filho fora do, do casamento, chama-se Carlos Thiago. O meu pai registrou esse filho quando a lei ainda não permitia, que dizia que era filho adul... adulta..., adúltero. O meu pai, contra a lei, pegou a certidão dele de nascimento, que naquela época ainda conseguia emitir, e registrou o filho. Hoje a lei resguarda, diz a lei que todos os filhos são iguais, constantes ou não da união. Então, ele então, a visão dele era avançada pra época, ele sempre foi um homem culto e inte... inte...ligente. E ele, assim, era muito amoroso, né, foi um grande profissional aqui, ele chegou a ser vereador aqui também, e como advogado era muito bom, muito grande também, era respeitado também. O nome que nós temos hoje, temos hoje não, que fomos re... registrado, né, Vladimir Caamano, o nome dele é russo, né, de Vladimir Lenin, e tem o Caamano, o meu é Patrícia por causa do revolucionário africano Patrice Lumumba, e Valentina por causa da cosmonauta russa. E os meus outros irmãos têm um nome assim também, mas é...

VLADIMIR: Caamano é El Salvador, um revolucionário El Salvador Caamano.

PATRÍCIA: Sim. Então a perseguição, ele continuou a perseguição contra ele aqui. A gente não podia ouvir depois na adolescência da gente, dependendo, a música a gente não podia ouvir, nós tínhamos vários discos, né? E o disco, um deles que eu me recordo, é do Geraldo Vandré, ninguém podia ouvir, porque se ouvisse e a polícia pegasse, ia preso. Então não podia panfletar, não podia falar, falar de política, falar de nada. Na escola eu sofri a di... a discriminação de vizinhos também, por eu ser filha dele, por ele ter sido um preso, um preso político. A minha mãe teve os agentes lá do exército que fizeram uma proposta indecente pra minha mãe, no popular né, cantaram lá a minha mãe. Tinha um vizinho lá perto, que minha mãe foi passar na porta da casa dele, eles falaram mal da minha mãe, que era pra eles entrarem pra dentro de casa, porque a mulher do Celso tava passando na porta, né. Eu, além disso tudo, quando meu pai tava preso, eu sofri uma tentativa de estupro, eu não fui estuprada porque o

senhor Deus que não permitiu, eu tinha seis anos de idade, por um vizinho. Quando cheguei, que eu consegui livrar dele, que eu cheguei em casa, o vovô estava lá, eu contei pro meu avô, eu falei: “Avisa a minha mãe.”, quem disse que as pessoas iam acreditar? Eu, uma menina de seis anos de idade, pai preso político, minha mãe conosco, e quem ia falar que aquilo era verdade? Tanto é que disseram que isso era mentira, mas não era mentira. Então todo tipo que ocês pensar de perseguição, nós passamos. E isso refletiu na vida da gente, reflete o quê? Na vida inteira, né? Hoje eu sou mãe de cinco filhos, quatro são biológicos e tem um que eu crio, que eu adotei, não adotei assim, juridicamente ainda, mas crio. E a educação que eu passei para eles, tem fundamento nisso, do idealismo político que eu também tenho. Então nós temos orgulho também de tudo que meu pai passou pra nós, né, a influência que nós recebemos. Lembro dos meus onze anos de idade, que eu ia, quando ele começou, iniciou-se a fundação do PT aqui em Divinópolis, eu comecei a ir com ele, ele me levava junto, né? E a ideia revolucionária ele sempre tinha com ele. Depois que chegou num tempo que ele viu que era, que não era pela arma, não era assim que a gente ia conquistar o Brasil, né, ver a igualdade, né, mas que... Então ele passou, minha mãe passou muita coisa, sempre nos mostrou que nós tínhamos que respeitar muito, mesmo depois do divórcio dela. Ela foi uma mulher guerreira, foi uma mulher que conseguiu, na humildade dela, né, que ela não sabia o quê que era isso quando ela casou com ele. Então os companheiros, os colegas da, como é que chamava lá? É corrente, né?

VLADIMIR: Corrente.

PATRÍCIA: Ia lá em casa, iam mulheres e homens que participavam dessa organização.

VLADIMIR: Alias, o...

PATRÍCIA: Na época era do partido do PC do B.

VLADIMIR: Ele era aliado do Carlos, o Carlos, chefe do meu irmão, é porque o Carlos Marighella que era o líder, né, da Corrente, que o Thiago tem o nome de Carlos Thiago, que é do Carlos Marighella.

PATRÍCIA: Carlos por causa disso.

VLADIMIR: É, e o Thiago foi, o nome também que eu não lembro, ele sempre punha o nome dos filhos...

PATRÍCIA: É, e a minha irmã Olga por causa da Olga, Olga Prestes, né.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) Bernardo.

INTERLOCUTOR: Ah, o Bernardo Prestes?

PATRÍCIA: É. Então, iam muita gente lá em casa, então tinha reuniões. Eu lembro que era um entra e sai de gente, né? Meu pai guardava livros lá no quintal, todo de cimento, mas tinha uma placa de cimento, assim, ali ele guardava, tinha muitos livros. Então quando ele foi preso, ou até antes, o Doutor Simão pediu que ele retirasse aquilo tudo e jogasse fora. Mas ele foi um homem assim, o que ele fez, ele assumiu, ele tinha coragem. E era um homem de muita, mas muita coragem mesmo, destemido, então ele, como ele disse, não falava mentira mesmo, então ele fez, ele fez a própria defesa dele, sem ele ainda ser ad... advogado, ele fez a defesa dele, assumindo a participação dele, né. E ele não escondeu, não fez, ele não se acovardou também, né. Nós sofremos por causa da ausência dele, esse impedimento, de, de ver pouco, de às vezes não ter o contato físico, deu ir embora, ver ele olhando, porque um dia ele subiu ainda, tinha um muro lá, ele foi jogar bola, ele ficou olhando pra mim de cima daquele muro e eu indo embora sem ele, mas minha vontade é que ele fosse embora comigo. Então isso refletiu demais, a ausência dele foi ruim pra nós, né? Porque ele ficou preso e nós vivemos assim. Então minha mãe foi uma mulher de muita coragem também, ficou detida, né, mas ela acompanhou ele até o fim, depois ele voltou pra casa, né. Eu lembro dele lá na AF como ativista, igual ele disse, tava lá mexendo com, com, com jornais de publicações, eu era menina e eu via estampado a tristeza nele, do cargo, a função que ele anteriormente exercia pra depois fazer isso, né. Então, mas ele também afastou então do trabalho e prestou serviço para a comunidade Santo Antônio do Monte, porque eles precisavam de um homem lá pra fazer um serviço lá. Aí, na época, o juiz de lá falou assim: que só uma pessoa podia prestar serviço para a Prefeitura de lá, ele falou: “Só o Celso Aquino.”, ele falou: “mas o Celso Aquino é comunista.”, ele falou: “se é comunista ou não, o único que dá conta de prestar, de fazer esse serviço aqui é ele.”, e ele fez, e fez esse serviço para a prefeitura de lá. Nisso, a AF aqui já achou ruim, já quiseram afastar ele ainda, tem até uns papéis dele falando sobre, sobre isso, mas ele decidiu até largar, porque ele precisava de prestar o serviço lá e continuar com a vida política dele. Depois ele fez supletivo, depois ele fez Direito, né. E ele iniciou como advogado trabalhista aqui. E ele trabalhava em outras áreas também, mas a que ele trabalhava mais, era nessa.

VLADIMIR: Porque na época, lembro...

PATRÍCIA: Especializado nela.

VLADIMIR: (trecho incompreensível) trabalhou com ele, né, que minha mãe contabilidade, dez anos trabalhava com os dois. E na época os advogados tinham medo dos patrões, né, então não tinha insalubridade, eles não pagava insalubridade...

PATRÍCIA: Os direitos, não tinham os direitos.

VLADIMIR: Aí quando meu pai, um dia ele falou, eu lembro que meu pai, devido a ele ter sido preso, e também foi de uma família de, de onze, de onze irmãos, foram treze, morreu duas, ficaram onze, e ele era o mais velho, tinha dezessete anos. Meu vô morreu num acidente, um carro atropelou ele na porta da farmácia, ele era farmacêutico.

PATRÍCIA: Em Belo Horizonte.

VLADIMIR: Em Belo Horizonte, minha vó ficou com, com onze filhos, o mais velho dezessete anos. E a menina mais nova, que era a Maria Aparecida, minha tia, ela era de colo, então meu pai ficou como.

PATRÍCIA: Arrimo de família.

VLADIMIR: Arrimo de família. Meu pai tinha que trabalhar pra criar, ajudar a mãe a criar. E nesse acidente, minha vó ficou com problema de uns distúrbio mental, então minha vó ficou dente. Então de todos os irmãos dele foi pra abrigo, foi pra, pros abrigo, e meu pai sustentando e olhando, até... Aí quando meu pai casou com minha mãe...

PATRÍCIA: Era colégio interno na época.

VLADIMIR: É. Levou com ele mais três irmãos pra morar com a gente, meus tios. Mais ou menos, eles era muito novo, então mais ou menos batia as idade com a gente. Eu chegava a ser até considerado como irmão dos meus tio. E eu lembro que naquela época eu trabalhava com meu pai, os donos das fundições aqui de Divinópolis perseguia ele, perseguia mesmo, assim, duramente mesmo! É polícia, o Celso Aquino, não gostavam dele, entendeu? Os patrão não gostava do Celso Aquino e isso aí ele, quando ele formou, eu lembro que foi a formatura dele, ele pegou uma festa lá no Lions, e lá ele convidou os só metalúrgico, só trabalhador, e lá ele fez uma, ele deu uma declaração lá, né, na hora, ele fez uma festa só pra ele, particular, convidando essas pessoas que vieram. Nisso minha mãe, devido a ela ser contadora, contabilista, ela voltou a ter uma estrutura financeira melhor. Que minha mãe estudou, o tempo que meu pai ficou preso ela lançou no estudo pra sustentar eu e minha irmã. Quando meu pai saiu, ele já perdeu o emprego, que ele, como diz, ele abandonou, o idealismo dele, ele não aceitou e viu que era perseguição e ele também na época, aí já entrou na política, já veio a, veio a anistia, né, total e irrestrita, né? Ele foi chamado em Brasília,

juntamente com o Luiz Soares Dulci, o Lula, a Dilma, (trecho incompreensível) cem nomes de pessoas, lá tem essa praça com o nome dele lá, ele foi fundador nacional do PT, né. Aí quando ele viu isso aí, ele já saiu do emprego, já fundo, a ideia, a ideia dele era aquela mesmo, seguir à frente pra mudar a história do Brasil. Meu pai sabia, meu pai me deu uma carta, eu lembro que meu pai falou assim: “Eu estou preso, mas não pra mim, nem pros meus filhos, mas pros meus netos.”, né. Então hoje eu vi que aquilo que ele lutou, ele venceu. Aquilo que ele conseguiu, ele foi até o fundo e venceu. Até no dia que meu pai morreu, pegou o caixão, aí tava lá Domingos Sávio, Germino Martins, aqueles políticos de Divinópolis, eu falei com eles ainda: “É, Celso.”, falei com ele desse jeito, “Oê não ver o Lula tomar posse, mas aquilo que você idealizou na sua mente, você vai conseguir.”, e logo em seguida, no próximo ano, o Lula foi...

PATRÍCIA: Não, foi no mesmo ano, foi em outubro.

VLADIMIR: É, foi no ano, o Lula venceu...

PATRÍCIA: Em 2002.

VLADIMIR: Como presidente, foi pra mim, foi o maior orgulho que eu tive na minha vida. Meu pai não tava vivo pra ver isso, e eu creio nisso que aquele homem é um homem, eu falo, eu sou evangélico hoje, e eu posso falar de toda, tudo nesse mundo, que eu tenho certeza que o Lula é muito mais que um pastor, do jeito que ele fala pra nação brasileira, não é porque, nós somos PT, não é isso, não, é porque a ideia dele... E eu duvido que se alguma coisa vai acontecer, que Lula tá envolvido nesse meio, né, que nós tamos nessa fase agora, tô te falando isso por isso. E eu lembro que aqui voltando atrás, eu lembro que no dia que meu pai foi formado, né, formou pra advogado, ele fez uma declaração focando que ele ia ajudar os pobres, ia ser advogado do pobre, trabalhador e pobre. Que meu pai, infelizmente, hoje eu tenho essa consciência, que eu era contra que alguém falasse sobre comunismo, eu era igual meu pai, falava sobre comunismo pra mim, falar sobre comunismo pra mim é brigar comigo. Hoje eu sei que o comunismo, a gente, todo mundo sabe que comunismo é o quê? Comunismo é o direito de todos serem iguais. Mas infelizmente, ou felizmente, só tem esse poder, chama Senhor Jesus Cristo, só Ele tem esse poder de mudar as ideias, né. E o comunista tem essa ideia, de querer ser todos iguais. Então meu pai falava no dia da formatura dele, ele falou lá falou que ele ia ajudar os pobres, ele ia lutar pros pobres, como lutou pros pobres mesmo, não foi como política, não. Tanto é que meu pai custou a sair como, meu pai podia ter saído como vereador

muito antes, meu pai não queria sair, ser político, meu pai não era, meu pai não era politiqueiro, meu pai era, realmente a ideia dele era nesse fato de ajudar os pobres. Todo mundo falava: “Não, seu pai...”, quando o PT foi fundado, meu pai saiu como deputado federal, que não tinha nomes pra colocar pro partido sair como partido, né. Aí eles colocaram ele deputado federal. Eu lembro que eles.

PATRÍCIA: Estadual.

VLADIMIR: Não, federal primeira vez.

PATRÍCIA: É?

VLADIMIR: Aí eles falaram assim.

PATRÍCIA: Eu tava com 18 anos, foi a primeira pessoa que eu votei.

VLADIMIR: “Como, como seu pai já tá querendo sair como deputado federal?”, eu falei: “Não é isso que ele tá querendo, é porque o partido tinha que ter aquele número, ele tinha nome forte, ele tinha que sair como deputado federal.”, “Se seu pai sair como vereador, ele ganha.” Tanto é que aqui na cidade de Divinópolis, o PT só teve um fato aqui importante em Divinópolis, que depois de eleger três vereadores, que meu pai fez legenda, só ele fez legenda pra três vereador. Nunca o PT vai fazer isso em Divinópolis, aqui em Divinópolis eu sei que não vai fazer porque o..

INTERLOCUTOR: É uma cidade conservadora, né.

VLADIMIR: É. E lembro que ele falou que ele ia ajudar os pobres, nisso aí ele foi a fundo e ajudou mesmo. Eu lembro quando ele formou, ele era estagiário ele trouxe o José Helvécio, advogado em Belo Horizonte, que era nome forte como advogado, ele foi estagiário e montou um escritório, ele falou assim: “Oh, Helvécio, você vai ser advogado e vou ser o seu estagiário.” E eu lembro que tinha um advogado aqui, um amigo dele, o Nilo, o Nilo falou assim: “Vladimir, cê acredita que seu pai, quando eu fui trabalhar com seu pai.”, os dois estudou junto, mas ele tinha formado primeiro que meu pai, ele falou assim, esse advogado falou: “Você é doido de trabalhar com aquele homem! Cê vai, aquele homem, você vai ser perseguido igual ele.” Mas ele viu que ele precisava de um advogado pra trabalhar como insalubridade, porque os direitos do empregado, eles escondia o direito do empregado.

PATRÍCIA: Não era reconhecido.

VLADIMIR: Não era reconhecido. Quando meu pai foi reconhecido direito do empregado, foi muitos empregados lá no escritório, eu lembro que o movimento do escritório dele era enorme, de tanta insalubridade que ele recebeu. Um fato importante também na vida dele, que agora passa da política, né, que ele foi preso político,

depois veio a época de anistia total em 79, quando os presos políticos que ficaram presos, meu pai visitava todo ano, ele ia no Rio de Janeiro, Frei Caneca, no Rio de Janeiro, eu ia com ele. Ele saía daqui e nós ia no Frei Caneca visitar os outros presos que estavam presos, lá em Frei Caneca. Os que restou em Linhares, em Juiz de Fora, e lá em Neves, eles foi transferido pro Rio, então todos ficaram preso no Rio de Janeiro. Então eu ia com meu pai visitar aqueles preso lá, que os preso estava lá, ia visitar eu e ele, até um deputado federal, Gilney Amorim, a gente ia visitar ele, que era muito amigo dele. E lá, e depois veio a época da greve, da greve de negócio de patrão na área dos empregados metalúrgico. E meu pai ia naquele movimento da greve na frente, meu pai que fazia as greve. Não existia a CUT ainda,não, então fazia aqui o movimento de greve. E meu pai uma vez, eu lembro, em 79, quando saiu anistia total e irrestrita, que aí a perseguição foi mais, menos, né, mas tinha perseguição, ele, eles falava assim, aí meu pai tinha de esconder, porque veio a polícia (trecho incompreensível) pra prender ele, aí meu pai precisou esconder, escondeu dentro do cemitério. Ele dormiu no cemitério pra esconder da polícia, é o único lugar que ele achava que eles não iam achar. Aí um dos metalúrgicos falou assim: “Ah, o Celso é engraçado, ele fez o movimento e depois soltou o barco e pulou dele.”, aí ele pegou e falou assim: “Não, eu não sou esse, não.” Ele pegou, foi lá e voltou pra minha casa à noite, aí o pessoal do DOPS tava na esquina esperando ele chegar, até confundiram com o nosso vizinho, que eles eram barbudo, confundiu com nosso vizinho. Quando meu pai foi, meu vizinho saiu pra trabalhar, tinha uma bar lá, Seu Astifo, quando ele foi abrir a porta do bar, eles chegaram e enquadraram ele no, chegando no bar, pra abrir o bar, abordaram ele, ele falou assim: “Não.”, falei, aí o outro falou pro outro, isso aí quem me falou foi meu vizinho: “Não falei que aquele outro lá que é o Celso?”, quando ele voltou, o vizinho falou: “Não, ele tá lá.”, ele saiu, ele mesmo se entregou e foi levado ali pra Belo Horizonte. E até o fato naquele tempo quando eles torturavam, eles falavam que iam matar ele. Eu creio hoje que não mataram ele, porque o tio dele, chama Paulo Aquino, o Paulo Aquino era secretário união e justiça naquela época, no governo, então até o meu tio, um dia, ele relatando, esse tio meu, já falecido, pai, tio do meu pai, falou assim: “Vladimir, você acredita que seu pai, ele, ele era tão, falo assim maluco.”, ele falou desse jeito esse fato “Que eu, secretário de união e justiça e eles prendendo o seu pai e eu ficava, assim, sem saber o que fazer.” Mas devido meu tio ser secretário eles não fizeram nada, porque tinha aonde, né, pelo fato do meu tio ser secretário união e justiça, então eles não podia fazer. Como eles ia desaparecer

aquele homem? Porque o fato de desaparecer, matar, né? Tem a tortura também psicológica, muitos eles mataram, muitos sumiram naquela época, e ele podia ser um deles. E esse fato também que ela falou, foi na época da, das greves, né, que pessoal fazia greve, aí ele foi na frente do pessoal, dos metalúrgico, quando ele chegou nessa fundição de São Cristovão, aqui no bairro Ipiranga, aí um filho de um deputado aí, que era o Jean Martins, irmão, irmão o pai ele era deputado.

PATRÍCIA: Irmão do Jaime.

VLADIMIR: O pai dele era deputado.

PATRÍCIA: Do Jaime Martins.

VLADIMIR: É, e o pai dele, Jaime Martins na época, o Jaiminho não era deputado ainda, não, era só o dono da fundição. Ele entrou com o carro pra jogar em cima dele, pra matar ele. Aí os metalúrgicos que gostavam muito dele que não deixou.

PATRÍCIA: E ele pulou também.

VLADIMIR: E eu lembro outro fato também do meu pai, ficou na minha mente, sempre, todo dia primeiro de maio, né, porque eu, devido eu ficar assim na, meu pai não ficou presente, né, porque foi preso depois os movimento dele... Meu pai, os movimento dele, o idealismo dele, ele deixava até a família de lado. Não deixava faltar nada, faltar pra nós não faltou nada, às vezes faltava um dinheiro, mas amor, carinho, estudo, nós tem estudo bom, os dentistas são os melhor dentista que nós tínhamos, porque meu pai era...

PATRÍCIA: A casa era muito boa.

VLADIMIR: Muita boa. Era uma das melhores casas que tinha na época no bairro, mas não é, não é...

PATRÍCIA: Até os brinquedos que a gente tinha, as crianças, as outras não tinham.

VLADIMIR: Não era porque meu pai era de política, não.

PATRÍCIA: Mas é porque era da função dele.

VLADIMIR: A função dele, ele era fiscal.

PATRÍCIA: Ele era fiscal e ganhava até razoavelmente bem, né.

VLADIMIR: Ele adquiriu o trabalho dele estudando, né, que ele teve que fazer um, pra chegar aonde que ele chegou, mas também a família do meu pai era uma família de, meu vô foi vereador na cidade de São Tomás de Aquino e era farmaci... farmacêutico, naquela época não tinha médico, então a formação do meu pai foi muito boa, entendeu? Meu pai é descendente de português, meu vô, e a formação do meu pai foi muito boa. Então devido isso, meu pai adquiriu e veio perder tudo. Meu pai perdeu

tudo, meu pai ficou sem nada por causa da política, porque ele foi preso. A única coisa que ele não perdeu foi a casa, porque passou pra mim e pra a minha irmã em vida.

PATRÍCIA: Doação.

VLADIMIR: Doação pra não perder aquilo tudo.

PATRÍCIA: Minha mãe e meu pai passaram pra nós.

VLADIMIR: Porque o governo tomou tudo que ele tinha.

PATRÍCIA: Confiscava.

VLADIMIR: E outra coisa que eu lembro também dele, devido essas coisas do passado, é esse negócio do dia primeiro de maio, ele chegava na porta das metalúrgicas, das siderúrgicas, escrevia lá assim com, nas paredes, né: “Parabéns, metalúrgico, pelo seu dia.” Assim, eu achava muito engraçado aquilo, porquê aquilo, né? Ele tinha aquele prazer, chegar ele sozinho pichava as paredes “Parabéns, metalúrgico, pelo seu dia.” E outra coisa também, depois que veio da política, eu lembro que nós fazia aqueles grude de, pra pregar os cartazes, nós ficava lá, eles bebia umas cachaça, né, ele sempre PT gostou da cachaça, né, e fazia aqueles grude ali com, né, pra pegar, e chegou, eu lembro, que a primeira candidata ao governo de Minas foi Sandra (trecho incompreensível). Então chegou uns cartazinhos, que eu mexo com gráfica, então peguei um pedaço de papel jornal assim, muito mixuruco, como diria um amigo meu, mixuruquinho, que era aquele cartaz de uma cor só, com a estampa dela, e nós pouquinho, enquanto que os, que os, Jean Martins, Geraldo da Costa tinha um monte de... E nós saía assim, nós fazia: “Hoje nós vamo fazer aquele bairro.”, saía o bairro Porto Velho aqui na cidade, bairro Porto Velho, Interlagos, até lá no Juza Fonseca. Nós ia pregando aqueles cartaz até Juza Fonseca, um litrão de cachaça eles bebendo, fazendo aquela farra boa, todo mundo alegre, né, de madrugada, frio. Mas quando nós voltava, tava tudo perdido, porque o Geraldo da Costa Pereira e o Jean Martins colocava tudo em cima do nosso cartaz.

INTERLOCUTOR: Colava tudo em cima.

VLADIMIR: Foi aquele trabalho era tudo perdido. Nós chegava em casa e não adiantou nada. Só o fato que adiantou que ficou na nossa mente, só quem viu pode falar e viu que a luta foi grande, né. Ele foi um homem, eu tenho prazer, né, de ser filho dele, esse momento difícil agora tive a perda da minha mãe, tem um mês que ela morreu, ontem, antes de ontem foi o dia de aniversário dela, agora fez um mês, né.

PATRÍCIA: Dia 29 vai fazer dois meses que ela faleceu.

VLADIMIR: Vai fazer dois meses que ela faleceu. Perdi ela. Foi uma guerreira, minha mãe foi uma guerreira mesmo, assim, de estar junto. Minha mãe só não foi mais, mais avante com ele, porque ele, ela era uma super mãe, ela não deixava, não deixava, não deixava nós dois. Então isso foi o fato da separação dele. A separação dele. Porque ele tinha que tá na militância dele e minha mãe ficava mais retraída em casa, né. Nisso aonde que ele veio conhecer a Eloísa, após depois do conhecimento do casamento dele, ele ainda casado ele teve.

PATRÍCIA: Depois de vinte anos casado.

VLADIMIR: De vinte anos casado, ele conheceu a Eloísa. Na época, ele, ele morreu, tinha, faz 13 anos que eles tava junto, os dois. Então ele conheceu a Eloísa e foi a companheira dele, né. (trecho incompreensível) também, foi companheira que ele teve nas lutas, né, na época era luta de essas greves metalúrgicas, então ela tava sempre junto com ele nas lutas, ela era, a faixa da Eloísa, é a faixa de idade minha e da minha irmã, ela deve ser uns cinco anos mais velha que nós. Então naquela época que meu pai foi preso, na época da Ditadura mesmo, de apanhar, bater, ela não estava junto não, mas depois veio a greve ela, teve essa luta com ela também.

PATRÍCIA: Aí eu me recordo também da época que ele, como advogado, no início da carreira dele, no escritório de contabilidade da minha mãe, eu lembro que chegou um cliente dele lá. Tinha tido uma audiência, ele ganhou a causa, né, o juiz mandou o patrão então pagar o empregado. Só que meu pai, ele não ficou contente com aquilo, ele achou assim, que o que o cliente dele recebeu, era, ele queria que ele recebesse mais. Então ele ficou meio assim, frustrado, porque ele recebeu um valor até bom, mas pra ele tinha que ser mais. Então ele chegou lá no, no escritório, né, passou o dinheiro pro cliente dele e ele ainda virou pra minha mãe e falou: “Oh Maria, me dá tanto aí.”, pediu minha mãe dinheiro pra complementar o que ele achava que era justo, tirou dele pra passar para o cliente dele, né. Então era umas coisas que ele fazia. Então ele demonstrava pra gente assim, desde pequeno, além da igualdade e tudo que ele mostrava pra mim, ele me, ele me ensinou também, assim, de doar, de se dar, porque tudo tem um peso, tudo tem um valor monetário, então pra ele não era, nem tudo era dinheiro, né. Então ele não ensinou que é tudo, ele dizia: “Tudo é a troca de dinheiro não.” Então nós fomos criados assim. E aí ele era muito assim, eu também quando era pequenininha e tal, eu gostava de ajudar as pessoas, né. Então ele transmitiu tudo isso pra mim, então desde menininha que eu era assim, eu gostava de ajudar, nem tudo era dinheiro, então pra mim, até na minha profissão hoje eu tenho

isso, eu tenho a dificuldade de ficar cobrando os outros. Se o cliente me deve, é difícil pra mim ficar ligando pra cobrar. Então, e eu conheci o Senhor Jesus Cristo também, como ele tá falando, eu também sou, também sou evangélica, desde 1997, e eu evangelizei em presídio durante cinco anos, né? Então é um meio que eu gostava, nem todo mundo se adaptava aquele ambiente, mas eu sim, eu gostava. Então talvez por causa disso mesmo, por causa da vida que nós levamos, né?

VLADIMIR: E depois Patrícia, até ela, ela organizou um projeto de recuperação de pessoas...

PATRÍCIA: Pra mulheres.

VLADIMIR: Com droga e álcool, pra mulheres, e ela não podia mais fazer esse trabalho no presídio, aí eu peguei, como eu também fui filho de preso, e também já tinha sido preso, eu peguei e tomei amor por isso, devido aos fato do meu pai ensinar pra gente, né, então entrei também, vinha todo,, todo sábado levar uma palavra assim pros presos, sabe? Às vezes as pessoas falava: “Pra que você vai lá, sô.”

PATRÍCIA: (trecho incompreensível)

VLADIMIR: É, “Porque você vai lá? O cara tá preso, tá preso, ele mereceu.”, mas não, mas a família, né. Eu mesmo sofri muito com meu pai preso, então tem a família por traz daquele preso, né, o ser humano, e tem a família, então nós adquirimos isso através do meu pai. E outro fato que eu lembro também aqui de falar, que não pode deixar, foi na época que o pessoal da siderúrgica mineira, de Divinópolis, mais não sei quantas famílias, foi mandado embora e não tinha direito.

PATRÍCIA: Sem receber.

VLADIMIR: Sem direito, o pessoal passando dificuldade, família, meu pai estagiário, estagiário, ele não era advogado ainda, ele organizou, em primeira instância perdeu, em segunda instância perdeu, aí ele falou assim: “Mas nós vamos ganhar na terceira instância”, ele arrumou um ônibus, colocou os metalúrgico, levou lá em Brasília e levou, no dia da audiência levou eles tudo, soltou eles lá, falou assim: “Esse povo aí tudo é família, tá passando dificuldade”, e ele ganhou a causa. Foi aí que ele foi reconhecido como grande advogado. Foi com essa causa, que foi que refletiu muito na vida.

PATRÍCIA: É, inclusive daquela época a Siderúrgica Pains, que hoje é Gerdau, todos os acidentes que tinham lá, né, os familiares não eram indenizados, então era tanto assim com perda assim parcial, né, de membros quanto aqueles que vinham a óbito,

então os familiares não tinham os seus direitos, não. Então foi com essa luta dele, então foi uma vida inteira, foi uma vida inteira.

VLADIMIR: É. E outra coisa que eu lembro também...

PATRÍCIA: Porque depois que essa parte, né, que depois veio, vieram reconhecer os direitos, né, e tudo, ainda veio a questão da insalubridade, que também não era reconhecida, né.

VLADIMIR: Outro caso também que eu lembro, na greve da Pains, né, que foi em 79, aí veio o fato que vocês devem saber, o Pitanga, o pai do Pitanga, lá no, lá em Porto Velho, conhecido como Buraco Quente, meu pai tava preso, foi preso, detido, aí na hora que ele saiu, ele ligou pra mim e falou assim: “Oh Vladimir, faz um favor pra mim, vai lá na casa do Pitanga lá, conversa com a mãe dele, fala com ele que eu tô sabendo que o pai, que ele morreu, mas não pude ir lá por causa que eu tô dessa, nessa situação.” Ele tinha, assim, ele preocupava com esses fato, entendeu? Somente o pai do Pitanga morreu, esqueci o nome dele aqui, ele falava: “Meu amigo Pitanga”, e ele era amigo, o pai dele era um dos grevistas lá na época, a polícia matou, tava na porta da Pains, mataram esse... Também foi, achei que vocês fizeram entrevista com ele, né?

INTERLOCUTOR: Benedito Gonçalves.

VLADIMIR: É, morreu.

INTERLOCUTOR: É ele?

VLADIMIR: É, que morreu.

INTERLOCUTOR: Como é que é o nome do Pitanga? Você lembra?

VLADIMIR: O nome do Pitanga eu não sei não. É um moreninho, eu conheço um Pitanga, que são dois irmãos, os dois jogou bola comigo.

INTERLOCUTOR: Os dois filhos do Benedito?

VLADIMIR: Benedito.

INTERLOCUTOR: Pode ser o Dejamilton.

VLADIMIR: É, deve ser. Eu conheço muito o Pitanga.

INTERLOCUTOR: Que ele foi candidato a vereador também, né.

VLADIMIR: É, é ele mesmo. Então meu pai fez esse fato. Então isso aí tudo ficou, assim, guardado, né. E na formação nossa, eu adquiri, a riqueza que eu adquiri do meu pai foi essa, né. Meu pai não resguardou bens materiais, meu pai não adquiriu...

PATRÍCIA: São valores morais.

VLADIMIR: O maior bem que adquiriu foi esse. E uma coisa que eu, que eu fico assim, agora eu vou falar uma coisa aqui que eu fico muito indignado, né, de ver aqui na região aqui de Divinópolis, que o meu pai não foi reconhecido. Eu sei que não foi reconhecido no meio dos ricos, né, da sociedade. E por isso eu tenho medo que o nome dele um dia seja esquecido, sabe? Eu tenho esse medo, porque hoje, até agora, pode até esse documentário vai ser muito importante, porque eu ainda falei com Patrícia, um dia eu falei pra ela, não sei se ela lembra: “Eu sei que hoje alguém ainda lembra do Celso Aquino”, aqueles mais velhos, que o meu pai...

PATRÍCIA: Mais antigos.

VLADIMIR: Com quantos anos ele morreu? Tem mais ou menos uns dez anos, né?

PATRÍCIA: Quem?

VLADIMIR: Meu pai.

PATRÍCIA: Faz 15 esse mês, dia 31.

VLADIMIR: 15 anos. Então passou muito rápido. Então, mas quem de quinze anos pra cá ouviu falar de Celso Aquino? Aí eles não conhece, e eles não faz nada pra reconhecer não, sabe?

PATRÍCIA: O Fórum...

VLADIMIR: O fórum, você vê o fórum, o fórum eu mandei.

PATRÍCIA: A Justiça, né, do trabalho, vai levar o nome dele aqui.

VLADIMIR: É, já tem a Justiça do trabalho com o nome dele, já vai pra cinco anos que fizeram o prédio e deram o nome pra ele.

PATRÍCIA: Vai inaugurar essa parte.

VLADIMIR: É, mas só que a parte todos fórum de Divinópolis tem um nome, né? Fórum Manuel, Fórum Simão Salomé, que é o do eleitoral.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

VLADIMIR: Não, é fórum eleitoral e o fórum, né, os dois nomes numa placa bem grande. Não é por causa de placa, placa não faz nada, mas o nome dele na placa, fizeram a placa dele não, o fórum trabalhista tem o nome Celso Aquino Ribeiro, aí eu mandei um e-mail, pedi umas três vezes já, eles falaram que agora vai colocar. Mas até então não colocaram o nome dele. Então isso assim, tudo isso eu fico pensando assim, um dia vai acabar, né? Tudo que ele fez, né, igualzinho eu vejo na política aí hoje, né, nós temos direito de tirar quem nós queremos, nós fazemos o impeachment, né, fez impeachment da Dilma, mas foi o próprio, o próprio, como diz, a cobra quem picou, né, porque ela lutou tanto, a Dilma, né, foi presa com ele. Eles foi preso junto, o

Lula não, o Lula não foi preso político, não, o Lula foi preso como grevista da CUT. Mas o Celso Aquino, além de ser preso como grevista em movimentos sindicais, o Celso foi preso político. Então tudo aquilo que passou também até hoje, veio agora, ele fez, não aparecia nem para ele e nem para os netos. Aonde que eu, hoje eu tô, nós estamos hoje tirando esse proveito, né.

PATRÍCIA: É, colhendo.

VLADIMIR: Colhendo esse proveito, porque se até tirou, tirou o Fernando Collor, agora tirou a Dilma, foi por esses movimento, porque antes eles tiveram que passar por isso...

PATRÍCIA: Não, ainda teve as Diretas Já e tudo, né, porque antes não tinha.

VLADIMIR: É por isso aí que veio a anistia...

PATRÍCIA: Cidadão não podia votar.

VLADIMIR: Total e irrestrita disso aí, foi, os que foram exilados voltaram, né, aliás, também, o que eu não acabei de completar, na época meu pai foi preso, ele já tava já com passaporte para ir pra Cuba! Nós ia pra Cuba, morar em Cuba. Meu pai foi co... meu pai conheceu Fidel Castro pessoalmente e conheceu Che Guevara. Meu pai andava com eles. Meu pai não simplesmente foi um...um... Muitas pessoas...

PATRÍCIA: O tempo que meu pai ficou, um mês fora, ele tinha falado pra vocês que eu nasci de sete meses, meu pai depois ficou um mês fora. Minha mãe fala que disse que esse mês foi o tempo que ele foi pra Cuba e reuniu com o pessoal lá, né? Com o Fidel, com o Che.

VLADIMIR: E ficou em Cuba, reuniu com Che Guevara e Fidel Castro.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) em 64?

PATRÍCIA: É. Depois ele voltou.

VLADIMIR: Porque eu lembro, assim, que depois pra mim adquirir o direito da minha mãe, né, porque eu tô, tô lutando, viu. Até a semana agora vou em Brasília, porque quero o direito que minha mãe tem, que eu tentei até a última hora, que era adquirir um pouquinho daquele dinheiro que ficou lá, da Comissão lá, né, e da anistia. Até tive lá o ano passado, a mulher falou assim: “Sua mãe tá viva?”, “Tá.”, “Então ela dentro de quinze dias, dentro de quinze dias ela recebe esse dinheiro.”, eu peguei e tô lutando, porque infelizmente ainda não tem um poder que...

PATRÍCIA: Infelizmente também ela faleceu, né.

VLADIMIR: É, faleceu. Ela não chegou a adquirir esse direito, né, porque, do estado, adquiriu com muita luta, a gente foi pra adquirir. Eu tive várias vezes ali no CONED, depois eu consegui através de um deputado.

PATRÍCIA: Não, nós tínhamos feito já o requerimento, a dificuldade foi para fazer o pagamento, né.

VLADIMIR: Foi. Mas antes do pagamento, eu tive de vir no armazém, no armazém, Arquivo Mineiro (trecho incompreensível) o Arquivo Mineiro, eu tive de ir lá e pegar aqueles diário tudo, não era igual hoje, computador, e tinha que fazer o documento físico, né, e tinha, fui atrás de alguns, alguns depoimento, e todos depoimento que eu pegava em Divinópolis, eu peguei os nome daqueles de Divinópolis, né, eles falava: “Não, o Celso Aquino.”, eles tinha muito medo, né? A polícia DOPS perguntava: “Você conhece Celso Aquino?”, tava no depoimento lá: “Cê conhece Celso Aquino?”, eles falavam assim; “Não, não conheço”, aí o Doutor Simão deu um depoimento falando assim: “Não, o único contato com o Celso Aquino que eu tenho é com, é através da esposa dele, que é minha conterrânea.”, foi nesse fato que eu dei conta de encaixar, mostrar que minha mãe também teve presa, que a DOPS não deu direito minha mãe, que ela não foi de... ela ela foi detida, ela não foi presa, mas foi torturada. Aonde nós jogamos em cima da tortura que ela teve um problema, né, depois dessa tortura dela, ela adquiriu alguns problemas, então nisso aí nós conseguimos. Então eu ia em Belo Horizonte...

PATRÍCIA: É, pede prova testemunhal e de alguns depoimentos de outros, né, outros militantes.

VLADIMIR: Aí nós conseguimos. Então ela não conseguiu, a minha mãe, que depois voltando ao assunto da minha mãe, a minha mãe, infelizmente, no Brasil, eles falam que ainda, que os direitos são iguais, mas não são iguais. A minha mãe veio lutando, lutou, lutou e agora infelizmente nós perdemos ela. E nós estamos precisando adquirir isso, porque é direito nosso, né. E eu queria que ela usufrísse desse direito, mas ela não deu conta, infelizmente nós perdemos ela já fez, tá fazendo dois meses. E ela também foi uma, uma guerreira, né, porque não foi fácil viver em uma cidade que ainda tem muitas pessoas que não quer...

PATRÍCIA: Tem preconceito.

VLADIMIR: Preconceito, que aqui ainda tem preconceito.

PATRÍCIA: E ela ainda sofreu então esse preconceito, né, então, mulher de preso, vamos supor, que não era preso comum, porque, né, mas era preso, preso político,

mas na visão dos outros era como se fosse preso comum, né. E além também dela ser mulher também, aquela, que aquele preconceito então que as pessoas têm, né, de mulher, mulher esposa de preso.

VLADIMIR: Até hoje, até hoje tem preconceito. Você vê o fato, que eu tenho esse fato aqui também, meu pai foi preso em década de 60 pra 80, 60 pra 70, né. Então naquela época quem era os filhos? Era Patrícia e Vladimir, não tinha Thiago nem Olga, muito menos Eloísa. Tinha a Maria de Lourdes Cordeiro Ribeiro, que chamava Maria de Lourdes Alves Cordeiro. Receberam o dinheiro lá, entendeu? Você acha que foi repassado esse dinheiro pros filhos que eram da minha mãe, que foi torturado? Ela não repassou, não, essa mulher, a Eloísa não repassou o dinheiro não. É isso aí que eu...

PATRÍCIA: Minha mãe foi lesada.

VLADIMIR: É, minha mãe foi, nós fomos lesados por essa mulher, chama Eloísa. Aonde que eu falei: “A Ditadura Militar tá até hoje.”, falei pra ela assim: “A Ditadura Militar tá até hoje.”, nós tá tendo uma ditadura, porque nós passou por tudo isso e a mulher vai lá... Aí o advogado dela, o Doutor Lican, chegou pra mim e falou assim, aí eu fui ligar pra ela e falou assim: “Eu vou chamar a polícia procê.”, por que uma coisa que eu adquiri do meu pai, foi uma coisa que eu tenho orgulho de falar, eu não mando recado, não, eu vou e chego junto, e eu vou, eu falo mesmo, sabe? Se for um direito meu, eu até falo com ela aqui, eu até peço desculpo ela, e ela também a mesma coisa, nós não fica rodeando pra falar não. Se tiver que falar com a pessoa, eu chego nela: “Vem cá, vou conversar com cê, eu tenho isso e isso pra falar com você.”, não mando recado “Oh, fulano, fulano de tal falou isso, ah, cê num fala não, que não foi eu que falei, não.”, não, se tiver de falar, eu vou lá e falo eu mesmo. Então fui no advogado dele, chegou lá falei assim: “Cê foi advogado do meu pai, meu pai contratou ocê há oito anos atrás pra você ser advogado dele. Agora você vai lá, recebeu o dinheiro, nosso direito e o repassou pra Eloísa?”, ele falou: “Não, então você conversa com a Eloísa.”, “Não, a gente conversa com Eloísa, não, eu vou conversar com você.”, eu peguei e chamei de uns nomes lá dentro do escritório dele, depois até pedi perdão ele. Que infelizmente ele fez esse fato, ele errou, ele é ser humano e ele é falho, né. Mas eu peguei e falei. Aí depois um amigo meu, que, que, o Doutor Geraldo da Costa Pereira, chegou e falou pra ele, chegou pra ele e falou assim, e falou: “Não, eu não gosto do filho do Celso Aquino, não, ele é muito, ele chegou aqui no meu escritório me xingando e tá.”, aí falou assim:

“Vem cá, e esse fosse o contrário? Se você, se fosse sua mãe, e se tivessem lesado sua mãe, você faria o que? Não faria o mesmo, não? Ele fez foi muito pouco.” Então até nisso nós fomos lesados.

PATRÍCIA: É, porque infelizmente minha mãe já estava cega, né, proveniente do diabetes...

VLADIMIR: E nós não tinha condições, ele foi, ele foi, no dia do julgamento dele...

PATRÍCIA: (trecho incompreensível) pra você ver, um dinheiro desse ajudaria na qualidade de vida dela. Ainda bem que é do CONED, né, lá do, da vítima de tortura, né, veio essa indenização, né, mas essa outra de Brasília até hoje.

VLADIMIR: Não, veio, receberam, mas não repassou pra família.

PATRÍCIA: Não, tô falando da minha mãe, o que ela recebeu do Estado de Minas Gerais.

VLADIMIR: Agora nós estamos correndo com o direito dela, que tem direito lá em Brasília.

INTERLOCUTOR: Comissão da anistia.

PATRÍCIA: É.

VLADIMIR: E nisso, falando desse fato aí, eu falo assim, porque, eu lembro que nós não temos as condições, né, e meu advogado também, Doutor Humberto comeu barriga, ele tinha audiência, audiência foi julgamento dos presos, foi lá em Uberlândia, e no dia da audiência a Eloísa chamou o advogado dela, o Alican...

PATRÍCIA: E nós não fomos comunicados, não fomos nem intimados.

VLADIMIR: E levou a Regina e o Nilo, que é o...

INTERLOCUTOR: Da Comissão da Anistia, né.

VLADIMIR: E foi, e fez o julgamento dele e mais quarenta presos, sabe.

INTERLOCUTOR: Foi, foi.

INTERLOCUTOR: É da Comissão da Anistia.

PATRÍCIA: Não fomos nem intimidados.

VLADIMIR: Aí na hora que foi chamar pra fazer a defesa dele, pra, aí o Alican levantou e falou não, falou: “Celso Aquino Ribeiro.”, o Alican levantou falou: “não, o Celso Aquino morreu, tá aqui a companheira dele.”, aí o juiz, isso aí depois o fato ele me contando, aí o juiz falou assim: “Mas como é que eu vou fazer esse pagamento? Se ela é companheira, como vocês me provam?”, aí eles levaram duas pessoas, que uma é funcionária federal, chama Regina, aí o juiz, (trecho incompreensível) federal

ele ser amigo dela, levou ela e o marido dela, foi duas testemunhas pra recatar, recatar o dinheiro.

PATRÍCIA: Sendo que na época minha mãe, divorciada então do meu pai, recebia pensão alimentícia dele, ela era dependente dele.

INTERLOCUTOR: Aham.

PATRÍCIA: E a excluíram dela ser beneficiada de receber, né, uma indenização.

VLADIMIR: Isso aí é fato. Isso aí, eu tô falando isso aí, porque é fatos assim que até hoje, entendeu? Quero mostrar isso, até hoje...

PATRÍCIA: Como direito dela.

VLADIMIR: Mudou? Mudou. Mas até hoje ainda tem esses fatos ainda que nós estamos passando.

PATRÍCIA: Então a gente sofre até hoje, pra te falar a verdade, né.

INTERLOCUTOR: Entendi.

PATRÍCIA: Foi uma infância sofrida, adolescência também, né, mas tem as coisas boas que, assim, né, pra nós é um orgulho de sermos filhos de quem somos, né, do meu pai, do Celso Aquino e de Maria, de Maria de Lourdes, então é uma honra pra nós até falar e falar deles, se ela estivesse aqui hoje, ela daria maior até esclarecimentos pra vocês de tudo que ela, que ela passou. Hoje fala da igualdade da mulher, então ela sofreu naquele tempo e até hoje então, vamos supor assim, em memória dela, né, esse sofrimento persiste, porque os direitos a gente vê que não tá, não estão garantidos, né? Então os direitos são pleiteados, mas nem sempre concedem. E quando consegue, é uma demora que parece que fica esperando a pessoa morrer primeiro.

VLADIMIR: E outro fato também, assim, que eu queria colocar assim, pra chegando a encerrar, é que eu tenho um orgulho muito grande de ser filho dele, apesar que não, não tivemos, assim, muito, andava sempre junto, né, mas devido o trabalho, ele ia sempre na militância dele, né, juntamente com o povo, nós ficava meio resguardado, né.

PATRÍCIA: É, a política praticamente em primeiro lugar.

VLADIMIR: É, ns ficava resguardado.

PATRÍCIA: Era o idealismo político dele.

VLADIMIR: Tanto é que eu tenho o meu filho aqui, o Mateus, mas antes eu tenho a Marina também, né, eu fui pai com 14 anos de idade. O Matheus eu tinha 17 anos de idade. A Luana tem 23, e depois vem a outra, a Ester com 31, eu tinha 31 ano, e eu

tenho mais um filho agora, que fez 1 ano, 2 anos agora dia 14 de abril. Então, assim, com a formação de uma criança, eu era um jovem, uma criança que foi (trecho incompreensível).

PATRÍCIA: Adolescente.

VLADIMIR: Adolescente, e já, e já tá sendo pai. Então não podia dar... Eu não sabia quem que eu era ainda, não tinha formação nenhuma. Eu não pude estudar, porque não tava meu pai presente, né, que o pai, o pai... Quando o pai não tá presente, quem vai colocar no colo, meu filho, é só um traficante...

PATRÍCIA: Não, porque você estudou, mas só que era rebelde.

VLADIMIR: Rebelde.

PATRÍCIA: Ele era um filho rebelde.

VLADIMIR: Eu conheci a maconha, eu ia perto do viaduto da Floresta ali em Belo Horizonte, na avenida do Contorno ali na Rua Sapucaia, minha vó morava, eu ia pra lá, ficava puxando cola de sapateiro. Aí eu jogava bola. Meu tio jogava bola, jogou no Atlético e no Cruzeiro, o Antônio. E foi debaixo do viaduto, apresentou um baseado de maconha, eu fumei maconha e achei a vida boa, ria atoa, achando bom. Aí toda hora queria ir na casa do meu tio pra fumar maconha. Com dez anos já era viciado em maconha. Depois conheci a cocaína, viciado em cocaína, comecei a injetar na veia. Então, quer dizer, e sempre escondendo, escondia deles, era normal. Minha mãe veio falar que sabia que eu mexia com droga depois que eu tinha mais de vinte, 24 anos de idade, mais ou menos, que ela ficou sabendo que eu mexia com droga, que eu adquirir uma moto, caí da moto, lá no médico falou assim: “Não, ele tá alcoolizado e tá drogado.”, minha mãe: “Não é possível.” (trecho incompreensível), “Não, ele tá alcoolizado e tá drogado.” Então quer dizer, escondendo isso tudo, mas por quê? Porque não tinha um pai presente. Não é porque não queria, era porque ele tava ali preso e outras vezes ele tava junto ali com o movimento, e sempre assim, infelizmente, tem que falar, esquecia, né. Na hora que lembrava ali “Meu filho, vem cá”, mas aí o filho já tava... Aí graças a Deus, né, tenho que falar isso, que eu ponho o nome dele, Jesus Cristo, na minha vida, é que me, que eu fui conheci a palavra de Deus, né, que fala: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará,”, né? E eu conheci esse nome, e através desse nome muita coisa na minha vida mudou, até minha irmã também mudou, e vem mudando, né. Ele sabe que disso aqui nós não vamos levar nada, né. Um dia vai ficar tudo, o dinheiro não vale nada, um dia nós vai embora, (trecho incompreensível) mas uma coisa é certa, a consciência que meu pai

nos ensinou, isso a gente nunca vai esquecer. A consciência do militarismo dele, da luta, luta.

PATRÍCIA: Da procura da justiça, né.

VLADIMIR: É, justiça mesmo.

PATRÍCIA: Praticar justiça.

VLADIMIR: Eu vejo, eu vejo assistindo televisão, essa justiça aí que eles fala na televisão, contra o Lula, eu fico triste, sabe. Saber, que eu falo até pro meu filho, meu filho tava, tava assim meio grosseria com esse negócio de política, falando “Ah, não, o Lula isso, o Lula aquilo.”, falei assim: “Mateus, pode ter certeza, se aquele homem tiver a ideia que meu pai tinha, e ele tem a ideia que meu pai tinha, ele não se corrompe não. Ele vai lutar até o último momento, mas corromper, ele não vai corromper. Pode ser que ele fez alguma coisa, até sem saber, não sei.”

PATRÍCIA: E assim, ó, vocês veem, né, então ele foi preso em 69, meu pai. Até hoje, cê vê, 15 anos faz esse mês, dia 31, que ele morreu. Ainda tem gente com preconceito em relação a pessoa dele, tem gente do meio familiar também, né, da família dele mesmo, irmão dele ou outra pessoa que é casada também com um tio meu, que ainda tem aquele preconceito de que ele foi..., o importante, o porquê eu não sei. Porque ele buscava a justiça, né.

VLADIMIR: Ele não pensava nele não.

PATRÍCIA: Em favor do povo.

VLADIMIR: Não pensava.

PATRÍCIA: Se ele cometeu algumas faltas, né, e que isso atingiu a nós, mas nós temos orgulho de ter o pai que temos. Amo demais a minha mãe, mas também amo demais o meu pai. Esse amor não tem jeito de, não tem jeito de apagar, né. É um amor que a gente tem. A gente sofre isso até hoje. Eu tô com 53 anos, sofri isso hoje, da ignorância do povo, da ignorância de algumas pessoas.

VLADIMIR: Não, tem um fato aí igual também, depois que minha mãe morreu então perdemos, nós perdemos a tia.

PATRÍCIA: Tanto no meio familiar quanto até na política mesmo, então o que a gente vê, né, esse ano. Oh, eu lembro uma coisa boa que eu também lembro, ele, foi perto do, perto do falecimento dele, ele se candidatou como vice-prefeito, junto com Aristides Salgado. Eu fiz comício, eu fiz um discurso lá no comício deles. Ele me falou, ele me falou: “Ó, vou fazer um comício lá no seu bairro, lá perto da sua casa, você vai?”, “Vou.”, mas tem uma experiência tão boa, que quando eu cheguei do escritório,

o Senhor falou no meu coração, Ele falou assim: “Ó, você vai falar hoje”, falei: “Quê?”. Quando meu pai chegou lá em casa, já foi pra rua de novo, foi lá pra fazer, é, para preparar o local e tudo pro comício. De repente chega um, aí chega meu pai, aí quando eu cheguei lá no meio deles e tudo, aí meu pai me procurou, chegou até a mim e falou assim: “Cê quer falar alguma coisa hoje?”, foi a confirmação do que Deus falou pra mim, na minha casa. Eu falei: “Quero”. Nesse dia não foi ele que fez o discurso dele, foi eu, fui eu que fiz pra ele.

VLADIMIR: É que ele tava debilitado já pela doença dele.

PATRÍCIA: E ele, então ele não fez. Aí o assessor veio querendo me orientar, falei: “Não, eu já sei o quê que eu vou falar.”, então foi uma experiência muito boa, sabe. Pra mim, Aristides, meu pai, ficou todo mundo contente. Esse ano, na eleição passada então, eu candidatei à vereadora pra ajudar o partido, pra completar a chapa, que tem que ter tantas mulheres e tal, tem uma porcentagem né. Mas, assim, se um dia for essa carreira pra mim, eu aceito, sabe? Mas essa outra experiência foi muito boa. Aí o povo ficava: “Filhinho, filho de peixe, peixinho é.”, porque viram que não preciso me dar orientação nenhuma, eu falei, fiz o discurso, fiz um bom discurso naquele dia, poupei até sofrimento dele, né, mas ele cedeu pra mim e Deus já tinha me avisado que eu que faria. Então eu já preparei no meu coração, Deus já prepara a gente, né? E foram, assim, muitas coisas boas, né? O jeito dele, assim, como avô com meus filhos, né? E como ele tratava então as minhas, as minhas colegas da escola, sejam negras, sejam brancas, quem quer que seja, seja rico, seja pobre... Era igual mesmo. Como ele me ensinava desde pequenininha. Então ele tratava assim, ele era um homem bom, que gostava do povo, o povo gostava dele, então na Câmara Municipal, isso em 2002, em maio, quando chegou o corpo dele no caixão, quem recebeu o corpo fui eu e eu estava com meu filho, hoje ele tem 15 anos, eu tava com meu filho, o meu quarto filho no colo, ele tava com três meses, eu recebi o corpo lá do meu pai, parou um senhor, um operário, vamos por assim, do meu lado e falou: “Aí jaz um grande homem”. Quando eu ouvi aquilo, que ele não sabia quem eu era, o homem me viu ali na beira do caixão do meu pai, com meu filhinho no colo, mas não sabia quem eu era. Aí quando eu ouvi isso, meu coração se encheu de alegria, porque uma pessoa simples, uma pessoa que era até desconhecida minha, mas falou ali pra mim da grandiosidade que era o meu pai pra ele, do exemplo que meu pai deixou pra ele.

VLADIMIR: E eu lembro aquele dia também um...

PATRÍCIA: E assim ele deixou, e assim ele deixou exemplo pra muita gente. Ele é odiado por muitas pessoas, mas é amado por muitas, por muito mais, né. Então se tem algumas pessoas que até hoje nos tratam com diferença por sermos filhos de quem, de quem somos, é, é... Mas tem tanta gente aí que o ama e que tem tido exemplo bom dele, e isso serve para a vida da gente também, tem muita gente que fala bem dele e muito. Infelizmente não iria agradar a todo mundo, mas ele era pelo menos sincero, que ele não era uma pessoa pra falar uma coisa pra você só pra te agradar, se ele falou é porque era sincero, aquilo saiu do coração dele. Ele era assim, né. Então não é fácil de agradar. Então foi muito atingido pelos delegados de, de polícia daqui de Divinópolis, da região também, isso na atuação, ele como profissional que era, né. Mas ao mesmo tempo ele era respeitado, então quando ele chegava, se tinha alguma, se tinha algum abuso de autoridade sendo praticado, se meu pai chegasse, ali a polícia já arriava, porque sabia quem ele era e o peso dele, porque ele não era de ficar calado. Lembro de um dia que um rapaz foi invadir uma padaria, tentou roubar, em Porto Velho, nisso meu pai estava passando pra ir embora pra casa. Aí a polícia o chamou pra ser testemunha. Ele falou: “Não, não quero ser testemunha, não, e tal.”, né, porque ele não iria contra aquele rapaz. Quando eles viram quem era, falou: “Não, é o Celso. Não, não precisa, não.”, ele falou: “Agora eu quero ser. Agora eu quero ser.”, aí ele querendo entrar ali junto lá na viatura pra ser testemunha do cara e eles não queria que ele fosse mais, virou aquele trem, né. E ele foi, e foi testemunha. Então na hora que eles viram que era ele, já não quiseram que ele fosse mais, né. E lembro de um fato também, aí eu não sei precisamente o ano, mas eu acho que foi dessa, da última vez, como cê falou que ele ficou no cemitério escondido, isso foi em que ano?

VLADIMIR: 79, né, na greve.

PATRÍCIA: Aí quando a polícia o levou preso, eu lembro que a Folha de São Paulo ligou pra mim, ligou lá pra casa, ainda conversou comigo pra saber notícias dele. Então quando a polícia tava levando, ele foi algemado, ele era um homem muito alegre. Meu pai era. E a polícia falou assim: “Cê sabe nadar?”, ele falou: “Sei. Algemado é mais difícil, né, mas nadar eu sei.”, então porque a polícia ameaçando de jogá-lo lá, né, algemado.

INTERLOCUTOR: Itapecerica? No Rio Itapecerica?

VLADIMIR: Não, ele foi pro lado de Vale e saiu por Cajuru, eles saíram fora da, quando eles prenderam ele, saíram fora do caminho que podiam cercar. Aí ele foi pro

lado de Cajuru, na Barragem Cajuru. Aí foi, passou na barragem assim, que eles falou pra ele, pro lado de Cajuru. Ele passou aquela ponte, ele achava até que eles ia jogar ele ali, ele falou. Aí eles falou: “Cê sabe nadar?”, aí ele falou...

PATRÍCIA: Falou: “Sei, algemado, nadar eu sei, algemado é meio difícil, mas eu sei.”

VLADIMIR: Mas o fato do meu tio...

PATRÍCIA: Que ele era assim.

VLADIMIR: Teve esse tio meu, né, aí ele já comunicou o Edgar Amorim, que era um deputado, e Marcos Tito, que era um deputado estadual e federal, que era amigo dele na época. Aí eles já chegaram e esperaram ele no DOPS, então na hora que ele chegou, já foi chegando e já tinha um deputado lá...

PATRÍCIA: Mas a primeira vez, quando ele foi preso também, em 69, caminho do DOPS, lá em BH, ele que ensinou pra eles, porque os militares pegaram ele aqui. Teve a invasão lá e ele foi levado, porque ele foi levado pra delegacia aqui primeiro, mas depois...

VLADIMIR: Bateram nele primeiro.

PATRÍCIA: É, foi torturado primeiro e tudo. Depois ele foi...

VLADIMIR: Primeiro torturado pelos policial de Divinópolis.

INTERLOCUTOR: Aqui de Divinópolis?

VLADIMIR: É, de Divinópolis.

PATRÍCIA: É, foi.

VLADIMIR: Depois foi turturado.

INTERLOCUTOR: Foi pra qual delegacia?

VLADIMIR: Pelo exército...

PATRÍCIA: (trecho incompreensível)

VLADIMIR: Ahn?

PATRÍCIA: Olha, a delegacia, é, não, deve ter sido pro batalhão, né?

VLADIMIR: Deve, pro batalhão, levou pro batalhão.

PATRÍCIA: 23º, né?

INTERLOCUTOR: Uhum.

PATRÍCIA: Da PM. Ele foi. Então depois de torturar, de ficar aqui uns dias, então a minha mãe também foi apreendida também.

INTERLOCUTOR: Ela foi junto? Mais ou menos na mesma época?

PATRÍCIA: Na mesma época.

INTERLOCUTOR: No mesmo dia?

PATRÍCIA: Naqueles dias.

VLADIMIR: Os dois no mesmo dia, que ele foi preso.

PATRÍCIA: Só que ela não ficou presa, que eles não tiveram, assim, prova da participação dela na organização socialista que tinha na época, que chamava Corrente, daqui, que atuava aqui, mas ela foi.

INTERLOCUTOR: Então, essa era uma questão que eu tinha, ela.

PATRÍCIA: Aí aonde.

INTERLOCUTOR: Ela ficou, ficou...

INTERLOCUTOR: Em Divinópolis.

INTERLOCUTOR: Em Divinópolis então?

PATRÍCIA: Ela ficou aqui.

INTERLOCUTOR: Ela foi detida em Divinópolis?

VLADIMIR: Ela foi detida em Divinópolis (trecho incompreensível).

PATRÍCIA: Ela ficou aqui, ela não foi transferida não.

INTERLOCUTOR: E a tortura foi aqui?

VLADIMIR: A tortura foi aqui, foi o Militar daqui. Agora, ele foi torturado por militar daqui e pelo exército, né.

INTERLOCUTOR: E em Belo Horizonte também?

VLADIMIR: A maior tortura que teve foi lá, né. Arrancaram dente dele sem anestesia.

PATRÍCIA: Quebrava, arrancaram os dentes.

VLADIMIR: E bateu, sem anestesia, pau de arara, batia, ele falava que bateu com cabo de aço.

PATRÍCIA: Não, aí colocou um outro companheiro dele, o José Antônio Pinto Pinheiro, os dois nus, um de costas pro outro, amarrados e com choque na poça d'água e dava choque elétrico. Aí choque de um transferia e passava pro outro. Então, se, é, então como eu tô contando, quando ele foi transferido, que aí a PM foi levar ele pro DOPS, a polícia, a PM não sabia onde era. Ele, dentro do carro, falou assim: "O caminho é esse, esse e esse.", ele ensinou a polícia onde ia levá-lo.

VLADIMIR: Porque ele morava lá, ele era, minha avó morava em Belo Horizonte, né.

PATRÍCIA: Não, mas eu tô mostrando assim, a coragem dele, a audácia. Ele era, fazia, depois colocava: "Fiz, eu era, eu sou assim, mas... Naquele, daquela época, vamos supor, era um crime contra o Estado, né, mas na verdade, não era crime.

VLADIMIR: Eu tinha uma declaração dele que ele fez pro juiz, na cadeia, a defesa ficou comigo. Aí depois devolvi pra ele. Eu tirei xerox dele falando, aí tinha um padre

na época, os padre era que ajudava, os padre de um outro país, sabe? Que Comissão de Direitos Humanos, que ele mandava as carta pra ele, falando como que era dentro da cadeia. Relatando os preso, o que tava passando, as família dos preso. Aí veio e repercutiu fora do país através dele, porque ele escrevia, que era muito inteligente, caligrafia muito bonita, inteligente, ele era um homem culto mesmo e ele foi preparado, ele foi preparado mesmo, assim. O estudo dele, devido meu pai, meu vô morrer, estudou em colégio interno, então o estudo do meu pai era muito...

PATRÍCIA: Não, e tudo que ele atuava, ele era como um auto, um autodidata, né. Ele fez faculdade e tudo, mas nos outros ramos que ele atuava era como o auto, o autodi... didata, ele tinha essa capacidade.

VLADIMIR: Eu lembro também que lá em Lagoa da Prata tinha o Luciano, dono da usina Luciane, a usina de açúcar tem hoje ainda, os filhos dele, né, ele era, (trecho incompreensível) posto, e ninguém tinha coragem então onde que se destacou no meio fiscal foi por isso, ele foi lá no jipe, ele contando assim, contanto que eu era menino, mas ficava, que sempre fui curioso, assim, de tudo que falava, eu escutava e guardava, meu vô me ensinou isso, meu avô me ensinou. Meu vô conversava comigo assim, porque muitas pessoas não escuta velho, né? E eu ficava meu vô, pequenininho, e eu era o rabinho dele e essa aqui era...

PATRÍCIA: O coração dele.

VLADIMIR: O coração dele.

PATRÍCIA: É o pai da minha mãe.

VLADIMIR: Então nós levava, Onde que eu ia, ele ia, ele levava nós. Então aquilo eu escutava meu vô contando os casos dele e meu pai vendo os casos dele falando que foi fiscalizar lá o Luciano, que é dono da usina, então o Luciano é um homem de poder aquisitivo muito, ele é muito rico, a pessoa mais rica do Brasil na época. Até hoje tem lá a usina, né, de cana de açúcar lá em Lagoa da Prata. Mas nenhum fiscal tinha coragem, porque ele era ditador mesmo, sabe, ele que mandava, chegava, cê tinha medo, que ele era armado, o homem lá dono da fazenda tinha na época tem um aeroporto dentro da fazenda, ele já pegava avião, o avião dele na época, isso é 1974, então, né, 68, depois que ele saiu da cadeia. Não, foi antes. Ele falando, contando que ele tinha ido, contando assim, contando os fatos da vida dele, que ele foi lá e deu conta de fazer a abordagem no homem, ele era sonegador de imposto, que todo mundo ficou bobo de ver que ele teve coragem de ir lá e tantos outros não iam. Aí nisso, o Estado, foi ele conseguiu uma folha (trecho incompreensível) do Estado,

porque ele era fiscal, né, ele evoluiu, o fato do homem do imposto, e nisso aí ele cresceu dentro da fiscalização, pela coragem dele. Aí eles transferiram ele pra Lagoa da Prata, pra trabalhar lá. E ele era conhecido, (trecho incompreensível) fato que ele é conhecido como fiscal, então ele tinha muita facilidade pela Corrente, a Corrente era no Brasil inteiro, aí começou, quando ele começo a, a revolução, né, que assim dito, que não chegou a ter revolução, não, que ir ter uma revolução armada civil né, quando o governo, né, militar, aí fizeram, que deram a, eles desfizeram ela, né, então a Corrente chama Corrente por causa disso, a Corrente era vários estados em um só objetivo, não é igual hoje, nós hoje tem WhatsApp, tem, né, internet que cê pede informação, rapidinho você vê o que aconteceu e tá sabendo lá fora, né. Daquele tempo não, naquele era telégrafo, né, ele bateu o telégrafo ali, telefone não tinha. Então tinha que ter um homem dessa capacidade. Como meu pai era fiscal do Estado, ele tinha um Jipe pra ir pra lá e pra cá, então ele usava desse veículo, então ele era chamado de pombo correio dentro da Corrente.

INTERLOCUTOR: Seu pai que fazia os transportes, né.

VLADIMIR: Fazia o transporte, levando as orientações. “Vai ter, vai ter o treinamento lá.”, aí pegava a turma, levava pro campo de batalha, eles treinava mesmo. Inclusive no meio do mato, (trecho incompreensível) tinha exército mesmo, ele já adquiriu isso através do Fidel. O Fidel, através do Che Guevara, que foi poucos que conheceu. Eles tiveram um fato aqui de Divinópolis, que foi detido aqui, além desses que vocês conheceram aí, né, na greve, na greve de metalúrgico, que também foi direito, né, mas o de política, né, na revolução, que foi só, foram três, foi três, né, foi o Celso, Simão Salomé, Tadeu, né? E o, e esse que falou aí.

PATRÍCIA: Tem o Juvercino também.

VLADIMIR: Juvercino, é, teve esse.

PATRÍCIA: Juvercino Cândido, já faleceu, mas deixou a viúva.

VLADIMIR: Mas foram só detidos.

PATRÍCIA: É.

VLADIMIR: Foi só detidos, eles foram detidos e soltaram alguns dias depois saiu.

PATRÍCIA: Alguns nem assumiram, né, a participação.

VLADIMIR: Agora, ele preso mesmo, aqui em Divinópolis, aqui, foi só ele que ficou preso, dois anos e meio. Então nós fomos, assim, eu creio que todos os outros filhos foram também, né? Foram também perseguido, nós fomos perseguido. Eu lembro que eu fiz amizade na escola com um amiguinho meu lá, no outro dia eu não tinha aquele

amiguinho mais, entendeu? Então não tinha amizade. Eu vim ter amizade só com os, igual aqueles, os menino mais inferiores ali, não é porque é mais inferior, não, mas aquelas pessoa mais humilde, que tinha, que entendia que podia deixar o filho perto. Mas se tivesse um lá que fosse médico, filho de um médico, filho de um advogado, filho de alguma pessoa assim, eu já não tinha a amizade dele mais, nem nos vizinho. Então não sabia porquê. Porque minha cabeça ficava falando: “Mas porque que eu não sou amigo daquele?”, eu ia na casa meu amiguinho, o amiguinho pra nós dois brincar de bola, chegava chamando no portão lá, eles falava: “Não, ele não tá aqui não.”, quando via o menino tava lá dentro, foi ele, aí eles falava: “Não, eu não posso brincar com cê, meu pai falou que seu pai é bandido, seu pai é, seu pai é ladrão, seu pai tá preso”.

PATRÍCIA: Ou chegasse alguém pra conversar, as vezes ia e falava: “Ó, não conversa com fulano não, fulano é filha de ciclano.”

VLADIMIR: É, então a gente escutava isso desde aquela época.

PATRÍCIA: Era assim. Mas eu tive boas, eu já tive boas amizades, estudei sempre, né, e falar assim, teve muitas famílias, e que muito bem conceituadas aqui, que me receberam bem, né. Pais de amigas minhas.

VLADIMIR: Até, até então, até então tem pouco.

PATRÍCIA: Mas algumas pessoas, e principalmente vizinhos na época...

VLADIMIR: Esse daí foi o negócio que você falou também, a respeito de guardar muito objeto, até o Doutor Simão falou pra ele te, é, né, guardar...

PATRÍCIA: Os livros.

VLADIMIR: Esconder os livros, ele fez, quando ele construiu a casa...

PATRÍCIA: Então, depois disso ele foi jogar tudo no rio.

VLADIMIR: O Aristides acho que foi o arquiteto da casa, ou o Aristides foi o engenheiro? Aí ele fez um, ele fez um, uma, um buraco assim, e cimentou, um alça... tipo um alçapão assim, e fechou com uma tampa.

PATRÍCIA: É tipo uma cova no quarto la tinha uma tampa de cimento.

VLADIMIR: Então ali ele guardou muita arma, meu pai adquiriu muita arma.

PATRÍCIA: Livros...

INTERLOCUTOR: Cês viram, cês viram isso?

VLADIMIR: Vimos.

PATRÍCIA: É.

VLADIMIR: Ele guardava, porque ele ia ter, né.

INTERLOCUTOR: Mas vocês lembram disso?

VLADIMIR: Lembro.

PATRÍCIA: Lembro.

VLADIMIR: E eu, e...

PATRÍCIA: E a gente lembra quando tirou e porque a gente morava lá na casa, né?

VLADIMIR: É, até os livros, até os livros...

INTERLOCUTOR: Mas tirou quando a polícia foi lá?

VLADIMIR: Não, aí ele tirou antes...

INTERLOCUTOR: AH não, ele tirou antes?

PATRÍCIA: Tirou antes da polícia chegar.

VLADIMIR: Tirou antes deles chegar.

INTERLOCUTOR: Ah.

VLADIMIR: Mas depois...

PATRÍCIA: Então aquele lugar ali, minha mãe falava: “Não fala pra ninguém que existe esse negócio aqui.”

VLADIMIR: E depois...

PATRÍCIA: Minha mãe já avisava.

VLADIMIR: Depois passou desse trem todo.

INTERLOCUTOR: Parecia tipo uma caixa de esgoto assim? Aquelas caixas...

PATRÍCIA: É, é, é.

VLADIMIR: Ele fez uma, ele fez, ele fez uma pra isso mesmo.

PATRÍCIA: Naquele tempo não tinha essas coisas modernas de hoje, né.

VLADIMIR: Ele fez, ele fez só isso mesmo, ele fez isso já preparado assim, ele fez o quadrado...

PATRÍCIA: Ele guardou...

VLADIMIR: Cimentou, porque eu moro na casa, ele fez o quadrado, cimentou e pôs o tampão em cima. Depois ele foi preso, ele tirou, a polícia não achou, aí ninguém sabia, aí eu já sabia, eu e ela, só nós dois que sabia, não falava, não. E nós achávamos que tinha arma lá ainda. Mas depois, que ele virou, que a vida dele mudou, né, que deu uma mudança de vida...

PATRÍCIA: Não, que depois ele foi preso, depois voltou, e depois...

VLADIMIR: Foi e virou vereador, teve um...

PATRÍCIA: Estudou e tudo...

VLADIMIR: Aí, eu, graças a Deus, ele, ele adquiriu... E ele não, ele não aproveitou do dinheiro do direito que ele tinha, né, da tortura lá, né, da (trecho incompreensível) ele não adquiriu, não, porque ele veio morrer. Um mês antes ele tinha adquirido trinta mil, e depois o dinheiro mesmo que a mulher recebeu, ele já estava morto. E eu lembro que quando ele foi vereador, ele, ele, ele viveu uma vida melhor, né, que ele deixava de, ele ajudava, deixava de ganhar aquele dinheiro pra dar o outro, entendeu? Deixava faltar em casa pra dar um metalúrgico.

PATRÍCIA: Mas para os outros não faltava, é.

VLADIMIR: Ele, eu lembro que minha mãe falava assim...

PATRÍCIA: Fazia festa pros outros, fazia até festa pros outros e aniversário dele não tinha.

VLADIMIR: “Oh, Celso, aqui em casa tá faltando isso assim, assim.”, “Não, mas cê tá comendo? Tá bom. E o outro não tem pra comer?”, ele sempre falava: “Ah, ocê, não, então vai em casa, vai pra cê ver como é a casa de fulano, tá lá, aquela boca de forno. Vê lá como é que é...”

PATRÍCIA: É, ele sempre falava era assim.

VLADIMIR: Então assim.

PATRÍCIA: E ele respeitava muito as pessoas...

VLADIMIR: E aí depois...

PATRÍCIA: Tanto faz, pessoas simples, humilde, quanto as pessoas que eram autoridades também. Apesar que como eu disse, ele brincou, ele falou: “Não, nadar eu sei, né?”, mas não desrespeitava. Agora, sinceridade ele tinha, era uma pessoa sincera.

VLADIMIR: Depois ele foi vereador, aí adquiriu um patamar melhor na vida dele, como advogado, que foi reconhecido, sabe? Ele foi jurista, né. Não só como advogado, foi jurista, foi reconhecido como um dos melhores advogados de Minas Gerais, reconhecimento... E depois ele, eu lembro que ele chegava pro pessoal da TV Rede Dez, fizeram documen... documentário dele lá em casa, então ele teve com a Rede Dez com esse documentário. Aí aparece nós, eu e ele entrando assim dentro da minha casa, assim no fundo do quintal, aí nós arrumo uns pedreiro, levantaram o tampo, aí levantaram o tampo assim, e vai tirar os livros, que muitos anos que não via.

INTERLOCUTOR: Ah, tinha livros lá ainda?

VLADIMIR: Tinha lá. Mas os livro teve muitos anos, então ele ficou muito, deteriorou, aí você pegava assim as página arrancava, as parte ficaram preto, só o livro,

ensinando como é que seria a estratégia da revolução, pra repassada pra ele, repassado pra ele repassar pros outro. Então eu lembro muito desse fato.

INTERLOCUTOR: Mas não tinha armas, eram tinha só livros?

VLADIMIR: É. E outro fato também que eu lembro também.

PATRÍCIA: É, não tinha mais.

VLADIMIR: Que da época do Che Guevara, né?

PATRÍCIA: Não, qualquer livro de ideologia que fosse socialista já era, já era proibido, né.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

PATRÍCIA: Então tudo tinha que ser muito escondido.

VLADIMIR: Meu pai tinha um quadro, até, até uma bobeira que eu dei na minha vida foi essa. Meu pai tinha um quadro na sala lá, que era do Che Guevara, pintado por um pintor de frente o Che Guevara, pintado à mão. Então quando saiu aquele, aquela, não sei se vocês lembram, vocês é nova, vocês era nova, assim, quando saiu a foto do Che Guevara, estampada nas camisas e tudo, foi tirada dessa foto, que era um foto mesmo de, foto não, o cara desenhou, pintou vendo o Che Guevara. Meu pai adquiriu, porque um dos, dos bolivianos, parece, que veio, que veio pro Brasil escondido, quando eles mataram ele, ele veio esconder na cidade de Cláudio, ficou escondido no porão, e ele era o pintor. Aí ele adquiriu, ele deixou com meu pai lá, falou “Você vai lá.”, omo minha mãe é de Cláudio, e ele veio fugido, esse homem, ele ficou morando em Cláudio, eles pegou e depois parece que mataram, morreram, não sei o que aconteceu.

PATRÍCIA: Era um quadro grande?

VLADIMIR: Era um quadro grande. É ele adquiriu muitos, muitos, muitos postais, assim, de, fizeram aqueles, aqueles papel, aqueles pergaminhado grande pintado, então ficou na casa da companheira dele, da Eloísa, tem o quadro até hoje na sala lá. E foi desse, dessa forma, que ele conheceu ele, né, e conheceu esse homem aí que desenhou, aí ele trouxe e entregou pra ele. Ele tinha esse quadro. Aí as pessoas via e não conhecia, “Ah, esse é o Fagner?”. Achava que era o Fagner, falava assim.

PATRÍCIA: É, olhava a boina.

VLADIMIR: “É Jesus? É Jesus? Esse aí é Jesus.”

PATRÍCIA: É, a boina, era o Fagner.

INTERLOCUTOR: Mas esse quadro ficava na casa de vocês?

VLADIMIR: Ficava lá.

PATRÍCIA: Ficava na nossa casa.

VLADIMIR: Aí como nós cometemos uma bobeira, que tem uns pastores evangélicos que são os homens mais bobos do mundo, apesar de ser pastor, mas eu falo que esses aí só a misericórdia de Deus. Falou assim: “Cês tem que tirar esse daí, ó, isso aí não pode ficar na parede”.

PATRÍCIA: É, porque às vezes achava que aquilo era um ídolo pra gente. Aquilo é a raiz da gente também.

INTERLOCUTOR: Claro, cultura suas.

PATRÍCIA: Era uma raiz pra gente, mas em primeiro lugar é Jesus na nossa vida mesmo.

VLADIMIR: Mas é uma bobeira que eles fala, né, que não existe isso.

PATRÍCIA: Não, e às vezes, no início da conversão da gente também, a gente abriu mão de muita coisa. Hoje eu dou graças a Deus de eu estar aqui, aqui com vocês, recebendo vocês e dando este, dando este depoimento, porque um dia eles procuraram o meu pai e veio fazer uma entrevista com ele, não me lembro quem na época. Ele falou: “Você quer ir, Patrícia?”, eu falei: “Não.”, e eu podia ter ido, né? Então e hoje também é um prazer estar dando uma informação, assim, não sei se atendeu o...

INTERLOCUTOR: Nó, claro, muito.

INTERLOCUTOR: Atendeu.

PATRÍCIA: O objetivo, assim, de vocês, mas pra mim é grandioso.

INTERLOCUTOR: Você tem dúvidas?

INTERLOCUTOR: Eu tinha só uma, uma questõzinha. Com relação, ao, que a gente já conversou um pouco sobres (trecho incompreensível) da, vocês falaram do período que seu pai ficou detido, chegou a ser preso...

PATRÍCIA: É.

INTERLOCUTOR: E aí sobre a sua mãe, mas vocês já esclareceram, que ela foi em 69 também.

PATRÍCIA: É, isso.

INTERLOCUTOR: E aí eu só tive uma dúvida porque ela ficou, você sabe exatamente quanto tempo que ela ficou detida? Se você tem essa informação.

PATRÍCIA: Não, ela ficou, vamos supor, dias.

VLADIMIR: É, dias.

PATRÍCIA: Ela não chegou a ficar um mês detida, não. Eles liberaram ela...

VLADIMIR: Que não tinha prova dela no movimento, né?

PATRÍCIA: Não tinha, é, não tinha prova. Porque quando eles fizeram investigação, que veio investigação lá de ABIN, lá da, lá de Brasília, então eles tinham um relatório todinho do meu pai. Tinha coisa que nem meu pai lembrava, a ABIN sabia. Então, e dela não tinha. Então por isso, quando fomos requerer informação dela lá na ABIN, não veio nada pra nós, porque a participação dela é que ela, então, era esposa dele e ela recebia aquelas pessoas que faziam parte do movimento e iam lá pra casa, às vezes se hospedavam lá, então pessoas...

VLADIMIR: Moravam lá, tinha um barracão, chegou a morar...

PATRÍCIA: Pessoas com codinome, né, não eram com o nome registrado.

VLADIMIR: Tinha uma mulher, veio uma mulher que eu não sei o nome dela, você lembra? Veio uma mulher...

INTERLOCUTOR: Recebia as pessoas, né?

PATRÍCIA: É. Então vinha, não, porque tinha reunião mesmo, todo mundo fazia parte. Tinha família lá de BH que era um, quantos irmãos? Quatro irmãos?

VLADIMIR: Tião com a, o Tião e a...

PATRÍCIA: Era da mes... irmãos assim de sangue. Eram de uma mesma, de uma mesma família, mesmo pai e da mesma mãe. Eram uns quatro.

VLADIMIR: (trecho incompreensível) , tinha uns, tinha uns, era umas doze pessoas.

PATRÍCIA: Eram moças e rapazes, e alguns foram embora.

VLADIMIR: Treze.

PATRÍCIA: Foram até...

VLADIMIR: Efigênia, Tião.

INTERLOCUTOR: Exilados.

PATRÍCIA: Foram para o exílio, é.

VLADIMIR: Efigênia e Tião era o casal. Aí tinha os irmãos do Efigênio...

PATRÍCIA: Os irmãos, Antônio...

VLADIMIR: E os irmãos do Tião.

PATRÍCIA: Então, então iam, aí tinha, vinha gente de todo lado. Então minha mãe recebia bem essas pessoas. E minha mãe participava? Mamãe ouvia e ficava junto ali, mas ativamente, como era o meu pai, não, né?

VLADIMIR: Igual, igual tô falando assim...

INTERLOCUTOR: É porque tá acabando a bateria.

PATRÍCIA: Mas ela foi torturada, aí levaram presa e eles torturaram ela, psicológica e fisicamente, né.

VLADIMIR: Igual voltando atrás, que nem eu falei com cê, que nada é coincidência, né, o exército pagava um aluguel pra um sargento de morar em, o subtenente morar em frente e o sargento do lado.

PATRÍCIA: Então, e como aconteceu isso não foi só naquele ano, uai, foram onze anos.

INTERLOCUTOR: Foram onze anos?

VLADIMIR: Então aquele ali saía, saía o tenente, entendeu? Morava lá em frente o tenente, Vida, Tenente Vida, o Vida morava perto da minha casa, aí depois o tenente Vida que foi transferido...

PATRÍCIA: Aonde a minha mãe fosse, a polícia tá de olho. Onde meu pai ia, a polícia tava de olho. Então era assim, você não tinha sossego.

VLADIMIR: O subtenente Vida, ele morava de frente minha casa. O Vida foi transferido pra ir pra São João del Rei, parece, aí veio o subtenente Clóvis, a casa era alugada pelo governo, morava de frente. E o Sargento Rezende, o sargento, tinha o outro sargento também que tinha essa casa lá ao lado, e também era o outro sargento do exército, que não é coincidente, porque...

INTERLOCUTOR: Claro.

VLADIMIR: Porque logo numa cidade desse tamanho, logo morar na frente da casa do Celso Aquino e do lado da casa do Celso Aquino?

PATRÍCIA: É, porque que ia morar de frente, né?

INTERLOCUTOR: É, gente...

PATRÍCIA: E minha mãe ainda tinha esse problema, ó a perseguição era contra o meu pai, mas perseguiram também a minha mãe, então foi uma vida. Foram anos e anos e anos.

INTERLOCUTOR: Por isso que é importante contar a história também dela, apesar de ele ser o preso político.

PATRÍCIA: Não, o escritório, então, ele começou a profissão dele de estagiário do escritório da minha mãe. Ele era vigiado, mas ela também era.

INTERLOCUTOR: Sim, com certeza. É... eu vou encerrar porque a nossa bateria acho que acabou, acabou de acabar aqui.

INTERLOCUTOR: Ixi, aí então, você, você.

INTERLOCUTOR: Tá, eu vou encerrar aqui no gravador, que aí depois eles juntam.

INTERLOCUTOR: Que aqui também parou de (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Agradeço ao relato de vocês. Eu, sendo uma...

PATRÍCIA: Eu que agradeço. Desculpa a bagunça, eu gaguejo um pouquinho.

INTERLOCUTOR: Não. Eu sendo uma pessoa de Divinópolis, nascida e criada aqui, é muito importante conhecer mais da história porque às vezes a gente desconhece, né? Agradeço, a gente vai juntar mais documentos também, vou finalizar, agora são 17:20, a gente finaliza aqui o depoimento do Vladimir e da Patrícia.

INTERLOCUTOR: Aí depois.